


UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM DANÇA



**CORPO CATASTRÓFICO:  
ATRAVESSAMENTOS GROTESCOS DO  
CORPO QUEER NA FOTOPERFORMANCE**

YURI SILVA MARTINS



GOIÂNIA – GO

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Yuri Silva Martins

Título do trabalho: Corpo catastrófico: atravessamentos grotescos do corpo queer na fotoperformance

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento** [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### **Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Yuri Silva Martins, Discente**, em 22/08/2023, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento



no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Reis Nascimento, Professora do Magistério Superior**, em 04/09/2023, às 13:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3955162** e o código CRC **65076E68**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
YURI SILVA MARTINS

CORPO CATASTRÓFICO:  
ATRAVESSAMENTOS GROTESCOS DO  
CORPO QUEER NA FOTOPERFORMANCE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção de diploma de graduação em Licenciatura em Dança.  
Orientadora: Professora Dra. Ana Reis Nascimento.

GOIÂNIA – GO  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Martins, Yuri Silva

Corpo catastrófico [manuscrito] : atravessamentos grotescos do corpo queer na fotoperformance / Yuri Silva Martins. - 2023.

118 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ana Reis Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Dança, Goiânia, 2023.

Bibliografia.

1. grotesco. 2. queer. 3. fotoperformance. 4. performance. 5. fotografia. I. Nascimento, Ana Reis, orient. II. Título.

CDU 793.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **18/08/2023**, às **09 horas**, de forma **presencial**, no **Auditório do Bloco A da FEFD-UFG**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“Corpo catastrófico: atravessamentos grotescos do corpo queer na fotoperformance”**, de autoria de **Yuri Silva Martins**, do curso de **Dança - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Ana Reis Nascimento - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira - FCS/UFG** e **Profa. Dra. Ana Maria Alonso Krischke - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante realizando algumas sugestões. Posteriormente, de forma reservada, a banca examinadora considerou o TCC **aprovado**. A banca ressalta a qualidade teórica e artística do trabalho, recomenda a publicação e a continuidade da pesquisa em programas de pós-graduação.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Reis Nascimento, Professora do Magistério Superior**, em 21/08/2023, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Maria Alonso Krischke, Professor do Magistério Superior**, em 22/08/2023, às 12:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glauco Batista Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 04/09/2023, às 13:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3955160** e o código CRC **3B51A5F2**.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço infinitamente a tudo e a todos que poderiam ser mencionados aqui. Um cheiro. Dois abraços. Três beijos!

*“Eu sou a Rosa de Saron, o lírio dos vales.”*

(Cânticos 2:1)

## RESUMO

A presente pesquisa joga na roda uma deliciosa palestrinha acerca de três gostosos, grossos e compridos eixos temáticos e as relações de brotheragem que podem e são estabelecidas entre eles, sendo esses eixos: a estética grotesca, o universo queer e a fotoperformance. Uma bonita combinação. Uma curiosa quimera. Ao longo do texto produzido, são focadas as possibilidades de imersão em cada um desses núcleos e alguns apontamentos de como todos eles se penetram, de maneira horizontal, entre si e com as minhas experiências. No mundinho queer, é explorado o surgimento dessa estranha palavra e os seus desdobramentos por aí. Além disso, você terá acesso exclusivo ao que o queer representa na minha vida (mentira, não é exclusivo). Na bolha do grotesco, tenha fé. É muito pano para uma única manga. No final, tornou-se uma discussão gigantesca. Você consegue ler tudo. Eu acredito em você. Por fim, podemos resumir o capítulo das fotoperformances como um ponto de encontro entre biscoitos e mais falação. Delícia, né? De forma ampla, é uma pesquisa que bisbilhota histórias de hegemonias e dissidências nos universos da arte e de gênero e, ao mesmo tempo, expõe a minha contribuição para com elas. Ao longo das páginas, é possível obter informações a respeito dos temas que me propus a pesquisar e as suas relações teórico-práticas, as minhas colaborações para cada um desses três grandes universos e, a parte mais importante (será?), uma luxuosa exposição de fotoperformances que foram produzidas por mim desde o ano de 2018, com safadíssimos pitacos. Esteja preparado. Contém humor e ironia.

**Palavras-chave:** grotesco; queer; fotoperformance; performance; fotografia.

## ABSTRACT

This research plays a delicious little talk about three tasty, thick and long thematic axes and the brotheragem relationships that can and are established between them, these axes being: the grotesque aesthetics, the queer universe and photoperformance. A beautiful combination. A curious chimera. Throughout the produced text, the possibilities of immersion in each of these nuclei are gossiped and some notes on how they all penetrate, horizontally, with each other and with my experiences. In the queer little world, the appearance of this strange word and its consequences are explored. Also, you'll have exclusive access to what queer means in my life (lie, it's not exclusive). In the grotesque bubble, have faith. It's a lot of cloth for a single sleeve. In the end, it became a gigantic argument. You can read everything. I believe in you. Finally, we can summarize the photoperformances chapter as a meeting point between biscuits and more talk. Delicious, right? Broadly speaking, it is a research that eavesdrops on stories of hegemony and dissidence in the universes of art and gender and, at the same time, exposes my contribution to them. Throughout the pages, it is possible to obtain information about the themes that I proposed to research and their theoretical-practical relations, my collaborations for each of these three great universes and, the most important part (is it?), a luxurious exhibition of photoperformances that have been produced by me since 2018, with very naughty pitacos. Be ready. Contains humor and irony.

**Keywords:** grotesque; queer; photoperformance; performance; photography.

## LISTA DE IMAGENS

### FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: Yuri Martins. Sem título. 2020.  | 18 |
| Figura 2: Spotify. Código Spotify - Não me defina, GA31. 2023.                       | 21 |
| Figura 3: Yuri Martins. O nascimento do Lírio. 2021.                                 | 22 |
| Figura 4: Yuri Martins. Sem título. 2021.  | 24 |
| Figura 5: Yuri Martins. Enflorescido. 2022.  | 26 |
| Figura 6: Spotify. Código Spotify - Não recomendado, Caio Prado. 2023.               | 29 |
| Figura 7: Yuri Martins. DW 1. 2022.  | 30 |
| Figura 8: Spotify. Código Spotify - Bixa Preta, Linn da Quebrada. 2023.              | 33 |
| Figura 9: Yuri Martins. Sa/fadinha. 2023.  | 34 |
| Figura 10: Spotify. Código Spotify - Amazing, Hi Fashion. 2023.                      | 37 |
| Figura 11: Yuri Martins. Essa fotoperformance é para você querer falar comigo. 2022. | 38 |
| Figura 12: Yuri Martins. /Súplica/. 2022.  | 40 |
| Figura 13: Yuri Martins. você sabe que eu estou evitando chorar. 2023.               | 42 |
| Figura 14: Spotify. Código Spotify - Oração, Linn da Quebrada. 2023.                 | 45 |
| Figura 15: Yuri Martins. Apenas uma das minhas mil noites. 2023.                     | 47 |
| Figura 16: Yuri Martins. Laranja da própria vida. 2021.                              | 49 |
| Figura 17: Yuri Martins. A preço de banana. 2021.                                    | 50 |
| Figura 18: Spotify. Código Spotify - November - Single Edit, Max Richter. 2023.      | 53 |
| Figura 19: Yuri Martins. Patodavida. 2022.   | 54 |
| Figura 20: Goya. Saturno devorando um filho. 1819 - 1823.                            | 55 |
| Figura 21: Yuri Martins. Sem título. 2020.   | 60 |
| Figura 22: Spotify. Código Spotify - Complainte: Lamento, Deqing Wen. 2023.          | 62 |

|   |    |
|---|----|
| Figura 23: Yuri Martins. Era para eu escrever algo feliz,<br>mas não consigo. 2023.         | 63 |
| Figura 24: Spotify. Código Spotify - Liliuim, Grissini Project. 2023.                       | 66 |
| Figura 25: Yuri Martins. Você ainda me desejará quando<br>eu estiver chorando? 2023.        | 68 |
| Figura 26: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.<br>Fotografia por Dani Bettini. 2023. | 71 |
| Figura 27: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.<br>Fotografia por Dani Bettini. 2023. | 71 |
| Figura 28: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.<br>Fotografia por Dani Bettini. 2023. | 72 |
| Figura 29: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.<br>Fotografia por Dani Bettini. 2023. | 73 |
| Figura 30: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.<br>Fotografia por Dani Bettini. 2023. | 73 |
| Figura 31: Yuri Martins. O homem sem talento. 2020.   | 75 |
| Figura 32: Yuri Martins. Eu florescerei além da primavera.<br>Isso é uma promessa. 2020.    | 77 |
| Figura 33: Yuri Martins. Sem título. 2020.  | 78 |
| Figura 34: Spotify. Código Spotify - Papparazzi, Girls' Generation. 2023.                   | 80 |
| Figura 35: Yuri Martins. Deitei-me com muitos,<br>mas sempre dormi sozinho. 2023.           | 81 |
| Figura 36: Yuri Martins. Fotografia matriz para fotoperformance. 2022.                      | 82 |
| Figura 37: Yuri Martins. Fotografia editada no Photoshop. 2022.                             | 83 |
| Figura 38: Rudolf Schwarzkogler. Aktion 3. 1965.  | 84 |
| Figura 39: Yves Klein. Leap into the void. 1960.  | 84 |
| Figura 40: Helena Almeida. Tela Habitada. 1976.   | 85 |
| Figura 41: Spotify. Código Spotify - Get Up, NewJeans. 2023.                                | 87 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 42: Yuri Martins. Tentativa número 97858 de fazer<br>você não ir embora da minha vida. 2023. | 88  |
| Figura 43: Yuri Martins. Cabeça. 2023.  | 91  |
| Figura 44: Yuri Martins. Mão. 2023.   | 92  |
| Figura 45: Spotify. Código Spotify - Zoom, Jessi. 2023.   | 93  |
| Figura 46: Yuri Martins. Sem título. 2019.  | 94  |
| Figura 47: Yuri Martins. Sem título. 2022.  | 96  |
| Figura 48: Yuri Martins. Sem título. 2022.  | 98  |
| Figura 49: Yuri Martins. Sem título. 2020.  | 100 |
| Figura 50: Yuri Martins. Sem título. 2020.  | 100 |
| Figura 51: Yuri Martins. Sem título. 2020.  | 102 |
| Figura 52: Yuri Martins. +mercadoria estragada+. 2021.  | 104 |
| Figura 53: Yuri Martins. Sem título. 2020.  | 105 |
| Figura 54: Yuri Martins. Sem título. 2021.  | 106 |
| Figura 55: Yuri Martins. Duro por fora, mole por dentro. 2022.                                      | 107 |
| Figura 56: Yuri Martins. Sem título. 2018.  | 108 |
| Figura 57: Spotify. Código Spotify - Fallen Alien, FKA twigs. 2023.                                 | 110 |

## QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1: Diferenças entre os movimentos queer e homossexual. | 25 |
| Quadro 2: Elementos constitutivos da categoria estética.      | 51 |
| Quadro 3: Categorias estéticas subjetivas.                    | 52 |
| Quadro 4: Categorias estéticas objetivas.                     | 52 |
| Quadro 5: Gêneros do grotesco.                                | 56 |
| Quadro 6: Espécies do grotesco.                               | 58 |
| Quadro 7: Elementos fundadores da fotoperformance.            | 89 |
| Quadro 8: Modalidades da fotoperformance.                     | 90 |

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>15</b>  |
| <b>FOFOCA 1 – QUEER?</b>  | <b>21</b>  |
| 1.1. O QUE QUEEREMOS?   | 22         |
| 1.2. O QUE É, O QUEER É?  | 26         |
| 1.3. É DE CUIR O CU DA BUNDA.   | 34         |
| 1.4. O MEU GÊNERO É A MINHA PERFORMATIVIDADE.                             | 38         |
| 1.5. O CORPO QUEER NA ARTE.   | 42         |
| <b>FOFOCA 2 – A CATEGORIA É... GROTESCA!</b>                              | <b>50</b>  |
| 2.1. ESTÉTICA. CATEGORIA ESTÉTICA. QUALIDADE ESTÉTICA.<br>GOSTO.          | 51         |
| 2.2. O BELO DE CABEÇA PARA BAIXO.   | 58         |
| 2.3. O NASCIMENTO DO CORPO CATASTRÓFICO.                                  | 67         |
| <b>FOFOCA 3 – FOTOPERFORMANCE IS MY PASSION :D</b>                        | <b>71</b>  |
| 3.1. FOTOGRAFIA + PERFORMANCE = FOTOPERFORMANCE?                          | 72         |
| 3.2. TRÊS FOTOPERFORMANCES OU UM PRESENTE MISTERIOSO?                     | 85         |
| 3.3. ELEMENTOS, MODALIDADES E QUALIDADES DA<br>FOTOPERFORMANCE.           | 92         |
| 3.4. ATRAVESSAMENTOS DA FOTOPERFORMANCE<br>NO MEU CORPO QUEER E GROTESCO. | 98         |
| <b>DESCONSIDERO QUALQUER FINAL</b>  | <b>115</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | <b>117</b> |

## INTRODUÇÃO

O que são fotoperformances? O que é a teoria queer? O que é o grotesco? Quais são os cruzamentos entre esses três grandes eixos temáticos? Essas e outras indagações são os questionamentos direcionadores do presente trabalho de conclusão de curso e eu comprometo-me a destrinchá-los da maneira que for possível para uma maior compreensão acerca dos assuntos a serem abordados.

A minha inquietação começa em meados de 2019, primeiro ano como licenciando em Dança na Universidade Federal de Goiás. Em uma das minhas aulas na disciplina “Improvisação e Composição”, ouvi a palavra “grotesco”, mais especificamente conduzida e atrelada à movimentação corporal. Naquele instante, de alguma forma, senti que eu havia sido abraçado e a minha movimentação, validada. Digo, sempre tive a capacidade de me adaptar ao meio, em especial ao meio da dança, porém, sempre nutri e tive como necessidade o dissidente, o desarmônico, o descomunal. Fazia sentido ouvir aquelas palavras porque era aquilo que eu precisava. Coloquei em minha cabeça que eu precisaria seguir o fluxo e investigar melhor o que era esse curioso termo. De forma incessante, debruicei-me em artigos, livros, documentos e quaisquer outros meios de propagação de informação. Era como se fosse uma pequena obsessão. Um detalhe: a minha vida é movida por pequenas obsessões. Imerso nessa pequena jornada, adquiri uma certa

quantidade de conhecimento sobre o que é a categoria estética grotesca e seus desdobramentos na sociedade e na arte. Senti que o meu universo fazia sentido, coisa que não acontecia há um bom tempo. Fui adotado pelo catastrófico e a partir daquele instante, a minha vida começou a ter sentido. Não escrevo isso somente pela arte que eu gosto de produzir, mas por minha constatação e percepção como um ser grotesco. Era aquilo, não tinha o que fazer, o meu belo não é só o hegemônico.

Como eu havia me encontrado, senti que era esse o caminho a percorrer. Independente do trajeto a ser traçado, eu precisava dar continuidade às minhas pesquisas artístico-acadêmicas dentro do universo grotesco. Divaguei em inúmeros pensamentos quanto às possibilidades de se fazer pesquisador-artista nesse universo. Produzi muita arte grotesca e fiquei feliz por isso. No entanto, sempre senti uma defasagem em meu universo acadêmico. Na academia, nós precisamos produzir textos e pesquisas para sermos vistos, não é? Então, decidi que o meu TCC seria produzido com foco no grotesco. A princípio, seria apenas uma discussão teórica em relação ao assunto, mas cá estamos nós, com novos descobrimentos, vontades e necessidades.

O meu desconforto tem continuidade em 2020. Gosto da palavra desconforto, pois ela abarca todos os sentimentos ansiosos que esse ano trouxe para o meu corpo. Em março de 2020, tivemos o iní-

cio da fatal pandemia mundial decorrida da propagação do novo coronavírus, Covid-19. Foi um ano de muitas incertezas, sofrimento e angústia, é inegável. O caos negativo atingiu todos os corpos presentes no planeta Terra e vivíamos um cotidiano repleto de infelicidade. Era necessário sobreviver e reinventar-se. Acredito que a partir dessa data, todos nós tivemos a necessidade de nos refazer enquanto ser humano. Foi uma época extremamente difícil, em especial por conta do desgoverno da época, mas graças aos avanços da ciência e do sistema de saúde pública, conseguimos sair da situação pandêmica. No entanto, os danos continuam entre nós. Naquela época, a ansiedade que já morava em meu corpo tomou níveis desproporcionais e não consegui resistir bem. Foi caótico, negativamente falando. Deixei de querer existir. Deixei de querer me ver. Deixei de querer sentir. Era confuso. Como eu poderia querer sentir imerso a uma realidade de pura dor? Tive que me reinventar. A cada dia que passava, era necessário ser um novo ser. Eu morria no domingo, nascia na segunda e já planejava a minha nova existência para a terça-feira. Caso eu não seguisse esse fluxo de mudanças, eu seria arrastado para a baixa-mar dessa grande maré alta, tenho certeza disso. Em um dos inúmeros processos de me reinventar, encontrei-me na fotoperformance. No começo, eu não a chamava por esse nome, a via apenas como uma produção fotográfica qualquer, cujo objetivo era o de me transfigurar em uma outra pessoa, em um outro Yuri. Sendo sincero,

comecei as minhas investigações práticas dentro da fotoperformance em dezembro de 2018, mas não vejo esse episódio como o início de minha jornada. Talvez até tenha sido, porém, não com o significado que eu atribuo hoje em dia.

Comecei a compreender a fotoperformance durante a pandemia, por volta de junho de 2020. Afastado de meus amigos e daquilo que eu gostava de fazer, precisei encontrar uma atividade que permitisse os meus processos artísticos e de reconstrução. Juntei o útil ao agradável, peguei meu celular e comecei as investigações dentro de casa, no campo da performance e da fotografia. Nos momentos em que eu me propunha a tirar as fotografias eram apenas eu, minhas dores, minha performance e a câmera. Outro detalhe: dor é o que nunca faltou, sempre foi um prato cheio. Eu precisava me recriar e a fotoperformance me permitiu isso. Da mesma forma que eu tinha atrelado o grotesco à minha concepção de movimentação e estilo de vida, não seria diferente na elaboração de minhas fotoperformances. Na construção de cenário, figurino, corporeidade e estética, eu sentia a necessidade de buscar a inquietude do incomum para a visualidade que seria entregue. Valia tudo, utilizar objetos, movimentos tortos, máscaras, perucas e tudo aquilo que me transfigurasse para uma imagem excêntrica. Com o passar do tempo (e da pandemia), fui experimentando várias formas de me construir como fotoperformer, utilizando diversas técnicas de composição e, em especial, a colagem, linguagem que tem sido o meu foco

de pesquisa. Juntei a minha íntima necessidade de viver o grotesco com a vontade de me ver por meio das fotorperformances. As duas passaram a caminhar de mãos dadas, resultando em algo que eu vejo como fenomenal e inspirador. A vontade que antes era de utilizar a categoria estética grotesca como tema de TCC foi modificada com a chegada e desenrolar da pandemia. Já não fazia mais sentido escrever e pesquisar sobre algo que era apenas uma unidade de um grande ser que havia nascido: a fotorperformance grotesca. Notei que abordar apenas o grotesco era me reduzir a uma realidade do passado. Mais uma vez, eu precisava me reinventar frente às minhas necessidades. Estava decidido, era isso.

Não era isso, ou melhor, não era só isso.

Desde o quarto ano do ensino fundamental, eu me reconheço como um cara gay e queer. Quer dizer, não é tão fácil fazer esse diálogo e ter esse entendimento na prática. Já me indaguei de diversas formas sobre o funcionamento dos meus desejos quanto ao outro e quanto a mim. Ainda guardo muitas dúvidas sobre o que eu posso ser, mas de uma coisa tenho certeza, nunca pertenci ao apropriado. Como diria Caio Prado em sua música intitulada “Não recomendado”: “A placa de censura no meu rosto diz: Não recomendado à sociedade”. Sou dissidente porque fujo da norma hegemônica racial, de orientação sexual e de performatividade. Nasci e cresci em um sistema social baseado na branquitude heteronormativa, fundado e regido por

homens. Não pertencço e nunca me senti pertencido a esse modo de viver. Como um andarilho, desde criança precisei sair de onde eu nasci para encontrar um novo local de estadia, local esse que nunca foi fixo, visto que é necessário sempre fugir, pois, vivem para nos caçar. Caçam-me desde o meu nascimento. É foda.

Recentemente, descobri o termo queer. Quer dizer, conheço há um bom tempo, porém tive a curiosidade de pesquisá-lo e entendê-lo só recentemente, por volta de meados de 2021. Da mesma forma que a minha vida mudou ao encontrar o grotesco, mudou quando eu me permiti ser mudado pela concepção queer. Relembrei que não estou só, há muitos de nós por aí. É extremamente potente perceber que há conteúdo acadêmico feito por e para os que resistem de alguma forma. Principalmente visto que a academia ainda é um local de poder do homem branco heterossexual e letrado. Ler sobre um cara gay que quando criança tinha vontade de cometer suicídio por sofrer uma imposição social que nunca lhe foi saudável, traz-me um certo tipo de conforto. É estranho, eu sei. Mas pense, há calor no pareamento da mesma dor de diferentes existências. Eu constatei que era necessário evidenciar o universo queer dentro da minha pesquisa e, assim, fechei uma tríade de assuntos que têm percorrido o meu dia a dia: fotorperformance, corpo queer e estética grotesca. De alguma forma, essa trinca funciona, dialoga entre si e dialoga comigo. Veja, há aspectos da dissidência e desarmonia nos corpos grotescos

e queer. Da mesma forma, esses corpos habitam e podem habitar o universo da fotoperformance, ambiente que possibilita a expressão e afirmação desses corpos catastróficos. Depois de muito caminhar, cheguei ao ponto de ter como necessidade pesquisar os desdobramentos da estética grotesca no corpo queer, sendo esses imersos na fotoperformance.

Diante de tudo o que foi vivido e escrito, constato que os caminhos percorridos por mim me levaram ao tema: “Corpo estranho: Atravessamentos grotescos do corpo queer na fotoperformance”. São inquietações que permeiam o meu fazer artístico e dialogam com a minha constituição como ser individual e social. Vejo que é necessário conduzir os meus esforços para desmembrar, olhar com afeto e tentar entender como tudo isso tem funcionado e como pode funcionar a partir daqui, além de contribuir para o meu crescimento, assim como para o de quem é tocado por minha arte. Aqui, tenho como apoio principal os seguintes autores, de acordo com cada eixo temático:

Teoria queer – Guacira Lopes Louro, Richard Miskolci e Tamsin Spargo;

Estética grotesca – Wolfgang Kayser, Muniz Sodré e Raquel Paiva, Ariano Suassuna e Maria E. Reicher;

Fotoperformance – Renato Cohen, Daniele Quiroga Neves, Jessica Oliveira Lemos e Luciano Vinhosa.

Além desses autores, é importante citar que carrego comigo inúmeras outras referências para o meu fazer artístico e acadê-

mico, sendo elas artistas que conheço pela internet, produções audiovisuais que já tive contato, elementos cenográficos que compõem o mundo e o que mais for de utilidade na minha relação com a arte e com os temas abordados nesta investigação.

Tenho como objetivo revisitar e refletir sobre o meu universo individual artístico, bem como contribuir com a produção de conhecimento de corpos dissidentes, uma vez que vejo como necessário conquistarmos cada vez mais o espaço que pertence a nós, mas que ainda não é habitado por conta de inúmeras pedras em nossos sapatos. Essas reflexões ocorrem a partir de um apoio teórico e artístico, em que destrincho e palavreio o conhecimento já produzido nos três eixos temáticos de meu trabalho, correlacionando-os e incrementando-os com as minhas percepções. Em tese, pego o grotesco, a teoria queer e a fotoperformance, e bato todos esses significativos ingredientes em um processador, resultando em algo que você descobrirá o que é. Além disso, tive como missão a produção de fotoperformances ao longo da produção deste trabalho, afinal, o meu TCC é sobre isso, mas não só sobre.

Quanto à metodologia aplicada, sigo pelo caminho da pesquisa teórica guiada pela prática, mas também da pesquisa prática guiada pela teórica. Ao mesmo tempo em que me debruço à escrita desse trabalho, também atuo como fotoperformer e procuro filhos em formato de imagem. É uma via de mão dupla, em que as minhas leituras e escritas causam impacto em mi-

nhas produções artísticas e essas últimas, perturbam a ordem de meus estudos e produção deste TCC. Como já imaginado, e com respeito àqueles que possuem útero, penso que o resultado que eu entrego vem de uma significativa gestação, em que tive como compromisso nutrir uma criança, cuja aparência eu definitivamente não tinha ideia de como seria.

O primeiro capítulo tem como compromisso discutir o que é o queer. Começo contando um pouco sobre a minha história no mundinho LGBTQIAPN+ e sigo, com grandes esforços, relatando e pensando sobre a história do movimento queer, com foco em sua origem, desenvolvimento e desdobramentos atuais. Comento, também, sobre as possibilidades de reinvenção do queer, apresentando o cuir. Além disso, abordo a relação do universo queer com a arte e em especial, a sua relação com a realidade grotesca.

O segundo capítulo é destinado às pesquisas do grotesco. Inicialmente, faço uma discussão acerca da Estética, gosto e categoria estética. Compreendo que é um tema bastante denso, porém, vejo como necessário fazer esse movimento pedagógico de expor cada partezinha que pode ser considerada como útil para a compreensão de um todo. Em seguida, apresento o surgimento do grotesco, sua evolução enquanto categoria estética e a sua presença em nosso cotidiano. Dou continuidade explanando sobre essa condição presente nos corpos discordantes e termino a discussão deste capítulo com a escrita de um conto fantástico.

Informo que ao longo dos capítulos 1 e 2, fotoperformances aparecerão de maneira expositiva ao longo do texto. Elas aparecerão dialogando com a escrita e com a minha vivência e, em alguns momentos, terei a intenção de dialogar sobre reverberações presentes no processo de criação, mas não tomo como regra. São imagens que compõem a obra e estão ali ocupando algum espaço, o espaço que será utilizado para me integrar às páginas e ao leitor que está disposto a percorrer por estas páginas.

Já no terceiro capítulo, eu apresento a fotoperformance, sua história, possibilidades e caminhos percorridos. Para isso, começo com um leve destrinchamento da fotoperformance, abordando separadamente sobre a performance e a fotografia. Dou continuidade apresentando informações acerca do surgimento da fotoperformance, bem como referências de pioneiros nesse movimento. Por fim, nesse capítulo, falo sobre os elementos, modalidades e qualidades presentes na fotoperformance e finalizo a escrita com um resgate de minhas produções, focando sobre cada uma delas.

Dou um aviso a quem for ler esta pesquisa: este é um dos meus universos e as regras aqui imperam de uma forma diferente. Digo, ainda preciso me prender a certas normas, claro, mas o que for possível ser feito para que isto aqui seja a minha cara, será feito. Além dos autores selecionados e a minha vivência, trarei como conteúdo aspectos da linguagem presente nas redes sociais, elementos culturais da comunidade queer e além disso, uma escrita performá-

tica que, em alguns momentos, assume a aparência debochada e despreziosa e em outros, incorpora o acadêmico padrão. Aqui, a autobiografia aparecerá como elemento presente na minha escrita, mas não necessariamente como um elemento de pesquisa, tal qual os outros eixos abordados. Vejo como necessário essa forma de diálogo e utilização dos ingredientes citados, pois, fazem parte do meu universo e, cirurgicamente, dialogam com as temáticas abordadas ao longo dos capítulos.

QUEER?



o que queremos?



Figura 1: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2020. Fonte: Arquivo pessoal.

A minha história com o meu querer e os atravessamentos de um homem gay “começam” no 3º ano do ensino fundamental, enquanto eu frequentava a Escola Municipal Guiomar Rosa de Oliveira, ambiente que nutro diversas formas de carinho e afeição. Nesse ano, conheci o João Lucca<sup>1</sup>, a minha primeira grande paixão. João possuía olhos puxados, usava um estiloso cabelo em formato de cuia e era considerado o bad boy da turma. Pronto, a fanfic estava concedida. De um lado, o garoto rebelde que colocava o terror e era admirado por sua bravura. Do outro lado, um menino quieto, cheio de conflitos internos e que carregava consigo o peso de ser nomeado como um nerd. J. L. e eu nunca nos demos bem. Digo, eu o evitava e ele não demonstrava sentir qualquer prazer em estar ao meu lado. De uma forma masoquista, isso me animava. Enfim, voltando ao assunto, João apareceu na minha vida de uma forma muito inesperada. Até hoje eu me pergunto o porquê de ele ter sido o primeiro cara responsável por despertar tamanho sentimento em mim. Quando eu o via, as minhas pupilas inflavam, o meu coração acelerava, a sudorese aumentava e o ar faltava. Eu não entendia naquela época, mas era amor, paixão, paixonite ou qualquer outra nomenclatura que você queira usar. Eu sentia algo e por isso, era verdadeiro. Fui compreender o que era todo esse turbilhão de emoções, desejos e sentimentos no ano seguinte, quando entrei no 4º ano do ensino fundamental. Durante o 4º ano, o

senhor Lucca mudou-se de escola. Com o seu afastamento, eu parei de vê-lo em meu cotidiano escolar. Os dias começaram a ser cinzas, mas não como as cinzas de uma fênix que ressurge e simboliza a esperança. Era a dor que eu sentia. Com 09 anos, eu não conseguia entender e processar tudo aquilo que estava acontecendo dentro do meu corpo. Por que eu estava sentindo saudades de alguém que sequer era meu amigo? Por que eu estava nutrindo desejos por um homem? O que eu sou? Essas e outras dúvidas me levaram a questionar o que eu era, o que eu gostava e o que eu queria. Eu queria o João Lucca, mas a parte mais complexa de tudo isso era que, naquele momento, eu queria um homem. Boom! Senti-me perdido e, em uma tentativa inocente de sobrevivência, levei todas essas indagações para a igreja. Particularmente, digo que foi o pior lugar para eu chorar as minhas pitangas cor de arco-íris. Não é segredo que, quando criança, eu frequentava a Igreja Católica por vontade de meus pais, em especial de minha mãe. Eu nunca quis. Desde o meu primeiro contato, eu me sentia desconfortável com o ambiente. Era um universo que não me abarcava. A situação era tensa. Em alto e bom tom, eu ouvia de outros que os meus deveriam morrer. Naquela época, os outros não sabiam que eu era construído como um dos possíveis mortos. Eu não queria morrer, eu nunca quis. Mesmo assim, eu chegava da igreja, ia rezar e pedia a Deus para que ele me matasse. Eu me sentia uma fraude, um homem

1 Nome fictício para uma paixão real.

que deu errado. Culpavam a minha mãe. Culpavam o meu pai. Cuspavam a culpa em todos aqueles que eu amava e foi assim que eu parei de me amar. Eu me via como um dissidente, mas eu não gostava disso. Na verdade, eu sequer tinha forças para sustentar esse lugar desviante. Minimamente, eu sabia o que eu queria, mas isso não fazia muito sentido. Digo, eu cresci em uma sociedade forjada na heteronormatividade. Desde pequeno, ouço que a única possibilidade de existência correta é a cis, heterossexual e branca. Tudo que foge dessa concepção é marcado por um ferro quente com a seguinte palavra gravada no metal: “anormal”. Hoje em dia, não vejo problemas em não estar na regra e, sendo bem sincero, até prefiro não habitar a norma. Eu me acostumei e fagocitei o incomum. No entanto, percebo que essa anormalidade nunca foi adotada pela sociedade como uma forma de manifestação saudável, mas, sim, de um ponto de vista patológico. Em que momento a nossa sociedade errou? Por que insistimos em habitar o erro? Enfim, o que nós “queremos”?

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.

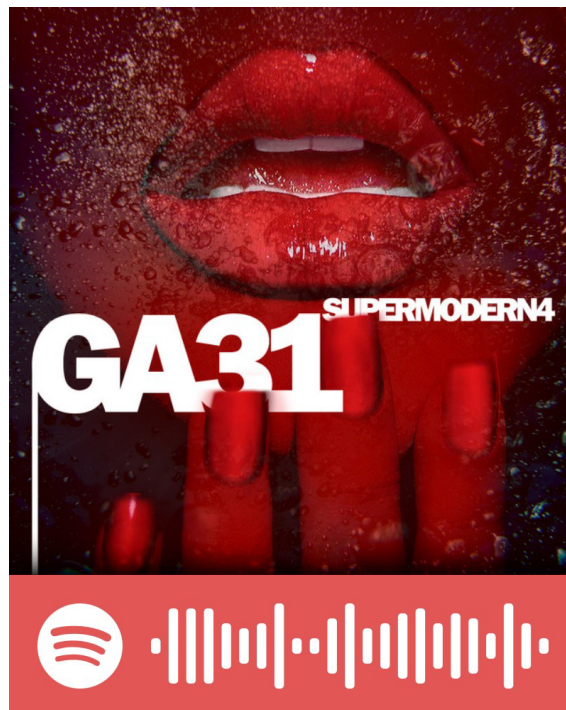


Figura 2: Spotify. Código Spotify - Não me defina, GA31. 2023. Fonte: Spotify.

o que é, o queer é?

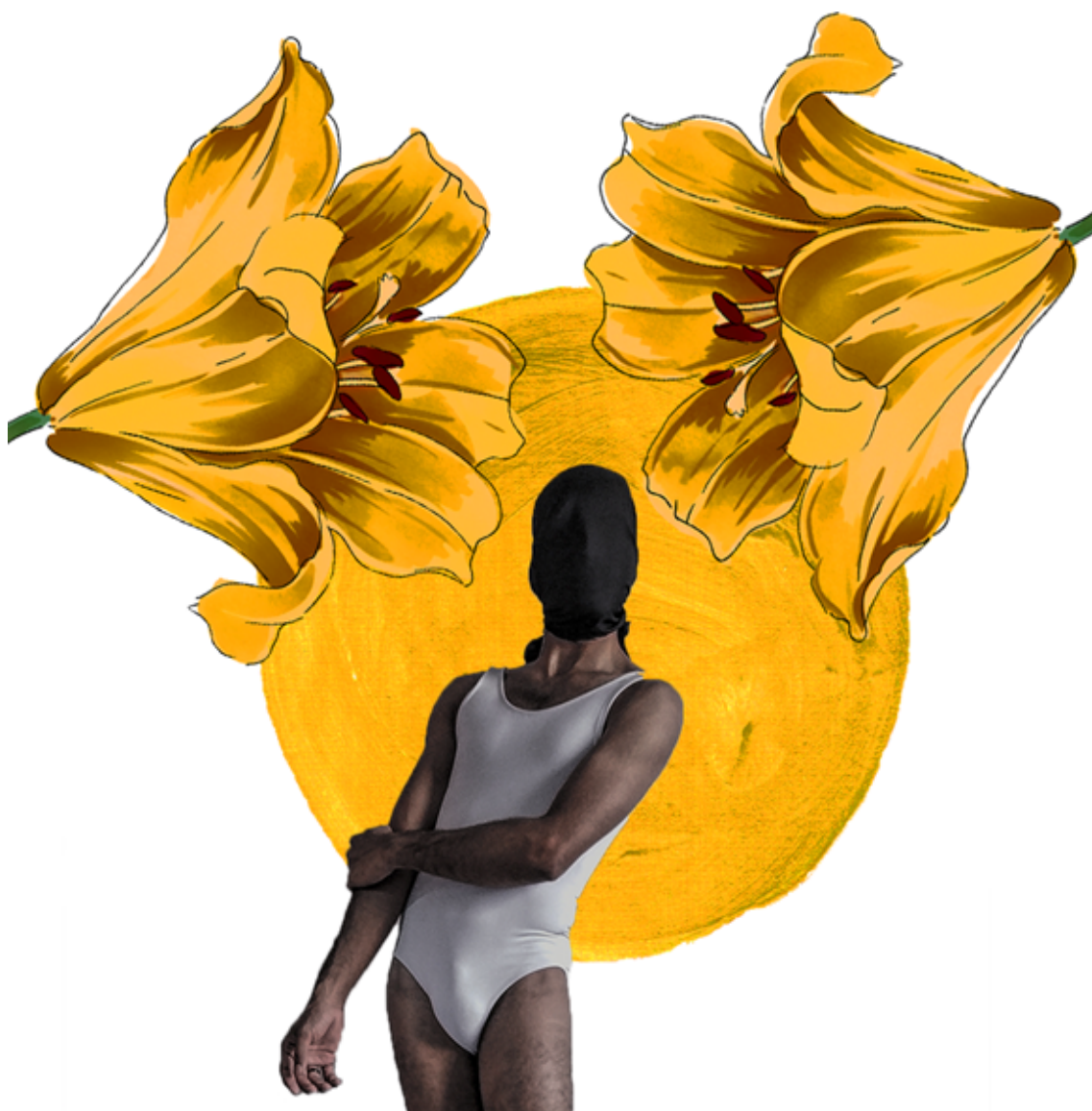


Figura 3: Yuri Martins. O nascimento do Lírio. Fotoperformance. 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

Em sua origem, queer é um termo em inglês que carrega consigo o significado de “anormal”, “estranho”, “esquisito”. Primordialmente, seu sentido não possuía atribuição de valor para com os corpos que, de alguma forma, ameaçavam a “or-

dem/norma” binária e cis<sup>1</sup>heterossexual<sup>2</sup>. No entanto, por volta de 1895, o termo queer começou a ser utilizado de forma pejorativa como sinônimo para xingamentos como bicha, sapatão, viado, boiola e qualquer outra expressão que esteja vinculada

2 Indivíduo que se identifica com o gênero que lhe fora atribuído em seu nascimento.

3 Aquele que possui atração romântica e/ou sexual por outro de gênero ou sexo oposto.

ao ódio e preconceito para com grupos “minoritários” de sexo, gênero e orientação sexual, esses marcados historicamente e socialmente.

Segundo Miskolci (2020), em 1960, surgiam e retornavam alguns movimentos sociais, sendo eles a segunda onda do movimento feminista, o movimento homossexual e o movimento pelos direitos civis da população negra no Sul dos Estados Unidos. Esses movimentos apareciam como modo de reformular as lutas que já existiam no cenário social, sendo importante citar e reconhecer o movimento abolicionista e a primeira onda do movimento feminista como eventos precursores que outrora haviam ocorrido, esses fundamentais para a luta contra hegemônica da binariedade cisheterossexual e branca. No entanto, foi apenas na segunda metade da década de 80 que o movimento queer realmente tomou proporções mais significativas, com a epidemia de AIDS<sup>3</sup> nos Estados Unidos. O preconceito que já existia com as comunidades dissidentes chegou a um outro nível e o caráter patológico evoluiu, de forma negativa. Se antes viam a comunidade LGBTQIAPN+<sup>4</sup> como um aglomerado de pessoas doentes, fugitivas de uma norma construída socialmente, a situação ficou pior com a adoção, proposital, da AIDS como uma doença sexualmente transmissível e atrelada àqueles que desviavam da forma heteronormativa de se relacionar amorosamente e sexualmente.

Assim, civis e instituições sociais utilizaram a chegada da doença ocasionada pelo vírus HIV como mecanismo para impulsionar o preconceito resultante de uma heteronormatividade compulsória, que de acordo com Spargo (2019, p. 53) é “a tendência do sistema sexo-gênero ocidental contemporâneo de enxergar as relações heterossexuais como a norma, e todas as outras formas de comportamento sexual como desvio dessa norma”. É importante mencionar que a heteronormatividade é um projeto político-social, que tem como meio de propagação e manutenção diversas instituições do Estado como a igreja, polícia e a escola, instituições sociais responsáveis por engendrar regras de pensamentos e performatividades que seguem um caminho hegemônico de binariedade e altamente engessado de sexo - gênero - orientação sexual, em que há apenas duas opções de sexo/gênero e todas elas levam ao caminho da cisheteroperformatividade.

Sendo assim, os movimentos que ocorreram na década de 60 tiveram que ser reimaginados a partir da década de 80. Em caráter específico, na década de 60, a luta que era marcada pela busca do reconhecimento da comunidade gay como normal, segundo os parâmetros heterossexuais, passou a ter um outro desejo, o da adoção da abjeção como meio constituinte e essencial. Essa adoção não ocorreu apenas com os gays, mas, também com aqueles que se identificavam com a perspectiva e visão de mundo

4 Síndrome da Imunodeficiência Humana, transmitida pelo vírus HIV.

5 Sigla para Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Transexual e Travesti, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não-binário e Mais expressões de gênero e de sexualidade.

queer. É importante reiterar que as lutas das duas décadas citadas eram diferentes, pois, a primeira era protagonizada por classes sociais e raciais que não condizem com o todo, como por exemplo as gays brancas e letradas. Os interesses eram diferentes, visto que a luta deixou de ser “preciso me encaixar no padrão cisheteronormativo” para “eu definitivamente não preciso me encaixar no padrão cisheteronormativo”.



Figura 4: Yuri Martins. Sem título. Foto-performance. 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

É válido enfatizar que a luta da comunidade queer nunca foi para criar um novo padrão, mas, sim, ter a oportunidade de não precisar se encaixar em um. O termo queer, que outrora havia se transformado em um xingamento, novamente sofreu uma transformação, passando a ser uma alternativa de empoderamento por meio da autointitulação. “Sim, sou queer, sim, vai fazer o quê?”. Particularmente, foi uma ideia ge-

nial. Conceitos e nomenclaturas são feitas por quem detém de alguma forma o poder (material, social, histórico, político, conhecimento acadêmico e etc.). Esse poder pode ser de cunho comunitário ou pode partir de uma minoria (aqui como quantidade). Independentemente do lado, é necessário haver poder. Historicamente, o perfil cisheteronormativo branco e letrado possui uma parcela maior de poder em relação aos outros que divergem desse perfil. Em grande parte, os conceitos e nomenclaturas partem desse perfil e são atribuídos aos outros indivíduos. Uma vez que um termo é constituído e empregado como uma forma de um código de reconhecimento, há duas opções (aqui, binárias e simplistas propositalmente): receber de forma pura e plena ou receber e ter o trabalho de subverter o seu sentido. Ambos os processos são dolorosos. No primeiro, há a dor de receber e ser reconhecido pelo outro de uma forma divergente de sua própria autoidentificação. No segundo, há a dor do primeiro processo e ainda, a dor de lutar por uma subversão. Nos dois cenários, a dor está presente.

Recentemente, aqui no Brasil surgiu algo parecido, claro que em um outro grau. Uma palavra que há um bom tempo era utilizada como forma de xingamento e ofensa foi ressignificada pela comunidade gay: a palavra poc<sup>5</sup>. Poc é um termo utilizado para se referir às gays afeminadas, fazendo alusão ao som do salto alto em contato com o assoalho. Como era de se esperar, o adjetivo poc não possuía um peso benéfico,

6 Também utilizado como sinônimo para se referir às bichas pão com ovo.

visto que tinha o objetivo de ridicularizar os trejeitos de uma performatividade dita como feminina, presente nos corpos das gays afeminadas. No entanto, em meados de 2018, o uso do adjetivo foi subvertido. Tal subversão ocorreu de duas formas.

Na primeira, a comunidade LGTQIAPN+ seguiu utilizando poc como ofensa, porém, em forma de uma “ofensa saudável”. Há uma velha história que diz o seguinte: “Eu posso ofender os meus, mas se alguém de fora o fizer, será atacado”. Nesse cenário, essa ofensa possuía um caráter mais jocoso do que pejorativo. Virou febre chamar os coleguinhas de poc. De certa forma, era uma ofensa inofensiva.

Na segunda forma, não tão distante da primeira, o termo poc passou a ser utilizado como manifestação de poder e status e tomava um lugar mais íntimo com o empoderamento da gay afeminada, sendo, até mesmo, traduzida de forma cômica como um acrônimo para “Perfeita aos Olhos de Cristo”. Como pode ser observado, o evento de subversão e resignificação ocorria mais uma vez na comunidade gay. É importante reconhecer que essa luta linguística-cultural já havia acontecido em outros cenários, como o desdobramento linear dos termos homossexual -> gay/viado -> queer, em que cada palavra demonstrava uma nova perspectiva de luta, mais condizente com os desejos da época. Miskolci (2020, p. 27), apresenta um interessante quadro que resume as funcionalidades e diferenças entre

os movimentos homossexual e queer entre a década de 60 a 80:

|                           | <b>Homossexual</b>         | <b>Queer</b>                        |
|---------------------------|----------------------------|-------------------------------------|
| <b>Regime de verdade</b>  | Binário hetero-homo        | Normal-anormal                      |
| <b>Luta política</b>      | Defesa da homossexualidade | Crítica aos regimes de normalização |
| <b>Perspectiva</b>        | Diversidade                | Diferença                           |
| <b>Concepção de poder</b> | Repressora                 | Disciplinar/controlado              |

Quadro 1: Diferenças entre os movimentos queer e homossexual.

Por volta de 1960 a 1980, com maior expressão nessa última década, a luta que era protagonizada por homossexuais passou a dar lugar a outras personalidades que viviam no mesmo, ou quase mesmo, lugar de violência social ocasionada pela visão cis heterossexual branca, concedendo espaço a todos aqueles que não faziam parte da luta homossexual, mas se viam como “amigos de outra luta”, sendo eles as feministas, as lésbicas, os negros, as travestis e transexuais e, até mesmo, os hetero-queer<sup>6</sup>. A lógica saía do padrão binário heterossexual-homossexual e tomava uma nova forma, a do normal e anormal. O queer chega com a adoção da anormalidade, reincorporando o anormal que era atribuído ao público queer. Ao mesmo tempo que adota o anormal, coloca em questionamento o binarismo homo-hetero, além de, igualmente, estranhar a adoção do normal-anormal. Criticando as formas de se fazer, o queer entra em ação. A luta política sai da defesa

7 Termo utilizado para se referir aos heterossexuais que divergem, de alguma forma, das linhas de performatividade e pensamento heteronormativo.

exclusiva da homossexualidade e entra no campo da crítica aos regimes de normalização.

Essas críticas acontecem em vários campos sociais, até mesmo no modo tradicional de processos de ensino-aprendizagem que ocorrem no ambiente escolar. A regra é manter a desconfiança e o estranhamento, seja em relação aos padrões estabelecidos ou às contra-hegemonias que surgem como forma de combate. Quanto à perspectiva por meio da diferença e diversidade é possível citar: “A diversidade trabalha com uma ideia de poder horizontal (...) Ao contrário, na perspectiva da diferença, reside a proposta de mudar as relações de poder” (MISKOLCI, 2020, p. 52). Segundo o autor, a diversidade atua com o entendimento de que os diversos corpos existem, porém, carregam consigo a mesma distribuição de poder e participação social. Vejamos, nunca funcionou assim. O discurso nos induz a pensar que somos todos iguais, mas desde quando? A diferença nos possibilita o reconhecimento do outro, seja ele qual for, como parte constituinte do meio social e, além disso, dá um passo a mais, transgredindo as superficialidades da mera tolerância. Já em relação ao poder, Milskolci (2020, p. 27) conclui que “na perspectiva de poder opressor, os sujeitos lutam contra o poder por liberdade, enquanto na do poder disciplinar, a luta é por desconstruir as normas e as convenções culturais que nos constituem como sujeitos”.

Assim, é possível perceber que as lutas queer e homossexual são amplamente

diferentes. Em determinados pontos se convergem, como o fato de irem contra a hegemonia instaurada, embora essa última ainda se prenda a adequação, mas apresentam reivindicações distintas. Em resumo histórico e temporal, o queer aparece como uma palavra qualquer para designar o estranho, passa a ser utilizado como xingamento para as comunidades de gênero/sexualidade divergentes da norma, transforma-se em uma vertente de luta/pensamento e é instaurado como uma teoria. Spargo (2019), define a Teoria Queer como:

(...) uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises as relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos sobre identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos. (SPARGO. 2019, p. 13)



Figura 5: Yuri Martins. Enflorescido. Foto-performance. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

Spargo compartilha conosco os direcionamentos da Teoria Queer e dessa forma, evidencia os questionamentos presentes nessa teoria que perpassa por diversos setores. Como escreve em seu texto, a autora anuncia que a teoria queer é “uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas”. Assim, a teoria queer não se prende unicamente às questões de gênero e sexualidade, em sua forma mais difundida aos quatro ventos. Essa gama de práticas e prioridades críticas atendem às inúmeras possibilidades de se pensar o queer e de utilizar o queer para se pensar, estranhando e criticando as múltiplas esferas do ser humano, como o seu meio social, cultural, educacional, sexual, político e de demais desejos.

O queer se torna assim uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente e profana. (SILVA, 2000, p.107 apud LOURO, 2022, p. 44)

Prosseguindo com as contribuições de Spargo e Silva e fazendo um grande parêntese, há um desdobramento da teoria queer no campo da educação, denominado Pedagogia Queer. Segundo Cavalcanti e Ferreira (2017), esse desdobramento “nasce do esforço teórico de pesquisadoras

da área da Educação em utilizar conceitos produzidos pela Teoria Queer para pensar novas estratégias pedagógicas que não sejam normativas”. Assim, a Pedagogia Queer aparece como uma abordagem no campo educacional que possui o objetivo de desafiar e subverter as normas de gênero e sexualidade que estão presentes em nossa sociedade e são tradicionalmente reforçadas em contextos educacionais. É um método educacional que visa tornar a educação mais inclusiva e acolhedora para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Ela é baseada na ideia de que as identidades de gênero e sexualidade são construídas, fluidas e variáveis, e que a educação tem o dever de acompanhar e acolher essa diversidade. Além disso, a pedagogia queer busca desafiar as noções tradicionais e hegemônicas de masculinidade e feminilidade, bem como as normas sociais que limitam a expressão de gênero e sexualidade. Em vez disso, esse campo da pedagogia busca criar espaços educacionais onde todos possam se sentir confortáveis e pertencentes.

Implementar esse tipo de pedagogia não é uma tarefa fácil, visto que há intensos jogos de poder e de interesses que colaboram com a dificuldade de se executar uma abordagem tão contra normativa. No entanto, como o papel dos professores é o de resistir e buscar caminhos para uma educação acolhedora e libertária, vejo que é possível adotar algumas estratégias, com um peso pequeno e, de certo modo, até inofensivo, mas que surtem efeito de algu-

ma forma. Assim, penso que os educadores podem adotar uma série de estratégias minuciosas, abrangendo a inclusão de literatura e material didático que aborda questões de gênero e sexualidade de forma aberta e compreensível. Também podem adotar uma abordagem mais flexível em relação às normas de gênero impostas em ambiente escolar, dialogando e apresentando possibilidades de conteúdos e tecnologias para os alunos que sejam mais expressivos de suas identidades de gênero, por exemplo.

No final do dia, os benefícios da implementação de uma pedagogia queer são diversos, afinal, facilitam a criação de um ambiente educacional mais colaborativo e solidário. Permitindo até mesmo a possibilidade de formação de grupos de apoio para estudantes LGBTQIAPN+ e a criação de espaços seguros onde os alunos possam se expressar sem medo de discriminação ou preconceito.

O queer é a (trans)gressão, violando uma das regras mais cravejadas no seio social; é a (trans)formação, encontrando brechas para a criticidade de sistemas hegemônicos; é a trans(crição), possibilitando a reinvenção e subversão de pensamentos e conceitos já definidos. No entanto, como nem tudo é um morango acompanhado de leite condensado, há um porém. Embora o queer seja tudo isso, ele não chega a ser tudo.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.

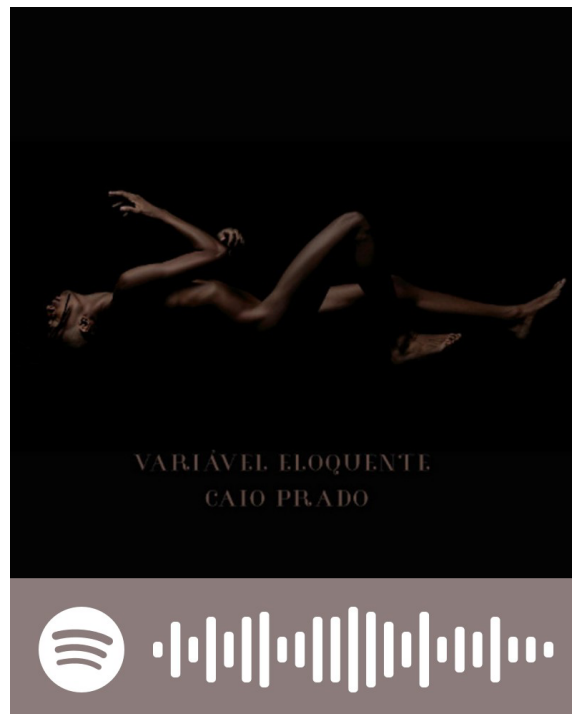


Figura 6: Spotify. Código Spotify - Não recomendado, Caio Prado. 2023. Fonte: Spotify.

é de cuir o cu da bunda.



Figura 7: Yuri Martins. DW 1. Fotoperformance. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

Aproveitando-se de seu poder de reinvenção e criticidade, o queer precisa ser reimaginado na América Latina. Aqui, ele adota um novo visual, utilizando um vestido com uma blusa amarrada, uma bota e o cabelo solto de prancha. Cuir surge como uma nova nomenclatura, com a mesma sonoridade, com (quase todos) os mesmos princípios, mas com perspectivas mais centradas na realidade latinoamericana. Sim, isso mesmo que você está pensando, há um cu inserido na releitura da palavra. Segundo Altmayer (2018), o cuir é uma expressão “(...) propositalmente mal-acabada, des-

compromissada com a sua forma original nos trabalhos de autorxs latino-americanxs dedicadxs ao tema, que buscam maior proximidade com as realidades do Sul global, e de sua farta produção acadêmica e estético-política (...)” e complementa com “Cuir, quando lido em português, também remete ao cu, como acesso àquilo que é mantido escondido”. Sendo assim, o cuir chega ao Brasil como uma forma de reinvenção da terminologia já conhecida, desprendendo-se de uma visão elitista presente na constituição do saber queer, afinal, mesmo com uma visão transgressora, a teoria ain-

da possui amarras a uma realidade intelectual colonizadora branca. Essas amarras, inclusive, trazem consigo uma suavização do conceito queer em território Sul global, uma vez que é um termo de língua inglesa e que conta com mais de meio milênio de existência. Talvez seja uma percepção mais pessoal, embora ela entre em convergência com outros pensadores cuir como Berenice Bento e Jota Mombaça, mas o uso da palavra queer, aqui no Brasil, toma uma forma mais sofisticada e mais passável. Veja, aqui, queer é uma palavra bonitinha que carrega, em seu atual estado, uma não-ofensa. Penso que essa percepção seja por causa de toda a evolução histórica do vocábulo ou, até mesmo, da falta de uma tradução direta e brasileira, marcando assim um certo abandono do seu conceito original de “abjeto”, “anormal”, “bizarro” e adotando uma versão mais soft, inofensiva e distante.

Contra as leituras cuir das práticas artísticas e políticas que o situam, seja nas geografias de Buenos Aires ou do Norte ianque ou europeu, paradoxalmente estabelecendo (...) novas formas de dominação internacional, aqui o cuir é disputado como o lugar de inconformidade com as hegemonias não apenas identitárias, mas também geopolíticas. Descolonização do cânone cuir, transformado em emblema do mercado. Contratextos capazes de desnaturalizar as rotinas da competência do saber e combater os códigos que decretam e sancionam o poder de representação, a tutela de quem fala. Cuir não como marca, senão como

prática, em que a escrita se move como lugar de contrapoder frente às linguagens hegemônicas e binárias da fala cotidiana subsumidas na matriz do manual escolar. Escrita bastarda em que o próprio silêncio é ruptura, resistência a um sistema de signos, que pensa por subtração, nas páginas em branco, nas lacunas, nas fronteiras, nos espaços, nos buracos do discurso. (FLORES, 2013, p. 55 apud BRETAS, 2021, p. 9)

Por isso, em certas situações, torna-se necessário a utilização do cuir (também escrito como kuir), pois, a luta surge a partir de uma determinada vontade e se ramifica de acordo com a necessidade. As necessidades de uma bicha preta e periférica são diferentes das necessidades de uma bicha branca de classe média. As necessidades de uma lésbica branca do Sul global são diferentes das necessidades da lésbica branca do Norte global. São infinitas as variáveis que influenciam na escolha de um lado de um movimento. No final, é isso, a diferença humana opera para a criação de distintas experiências estético-filosóficas.

Por levar em conta a história colonial e patriarcal da região, o “cuir” se concentra politicamente nas formas específicas de opressão e discriminação enfrentadas pelas pessoas LGBTQIAPN+ na América Latina. O cuir destaca e coloca em evidência a importância da solidariedade entre as diversas comunidades marginalizadas, incluindo não apenas as pessoas LGBTQIAPN+, mas também as mulheres cishetero, as pessoas negras e indígenas, entre

outras. Além disso, uma das principais críticas feitas pela teoria cuir é a de que a teoria queer possui uma ênfase excessiva na identidade sexual que, por sua vez, reverbera em uma negligência em relação às diferenças de classe, raça e etnia. Portanto, a teoria cuir busca incorporar essas questões em suas análises e práticas políticas, reconhecendo que as experiências LGBTQIAPN+ na América Latina são influenciadas por uma série de fatores sociais, culturais e históricos, indissociáveis na construção da identidade humana em seu amplo sentido. Em resumo, o “cuir” é uma teoria e prática política que surgiu na América Latina como uma resposta à teoria queer e ao ativismo LGBTQIAPN+ que muitas vezes não levavam em conta a realidade específica das comunidades LGBTQIAPN+ na região. O “cuir” enfatiza a importância da solidariedade entre as diversas comunidades marginalizadas e incorpora questões de classe, raça e etnia em suas análises e práticas políticas.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.

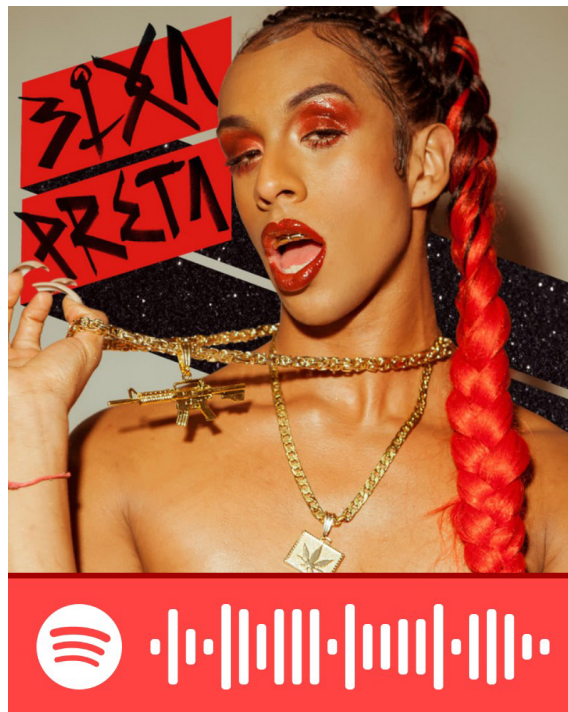


Figura 8: Spotify. Código Spotify - Bixa Preta, Linn da Quebrada. 2023. Fonte: Spotify.

o meu gênero é a minha performatividade.



Figura 9: Yuri Martins. Sa/fadinha. Fotoperformance. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Andar. Acenar. Sorrir. Bocejar. Viver. Todos esses verbos são ações. E todas essas ações são performáticas. Existir é estar em constante estado de performance. Existir é receber, processar, construir e excretar performatividades. Somos constituídos diariamente, performando a cada mínima parcela de tempo existente. Em um processo contínuo de codependência e

coparticipação, no qual o mundo constrói a nossa performatividade e nós, agentes únicos e individuais, construímos a performatividade do mundo. O mundo, em um processo fluido e indeterminado, constrói as nossas vontades, hábitos e formas de se fazer, ao mesmo passo em que nós deixamos em nossa sociedade marcas e pontos de encontro que servirão para julgar ou aco-

lher àqueles que de alguma forma se identifiquem com algum conjunto de ideais. Em contato com os nossos semelhantes, nós construímos performatividades. Em conjunto com os nossos dessemelhantes, estranhemos as nossas performatividades. Digo, estranhar não é algo ruim. Pelo contrário, é algo magnífico. Veja, nós nascemos e logo nos é imposto um sexo, um gênero e um nome. Eu nasci homem, masculino e Yuri. Ao longo de minha vida, já me estranhei por diversas vezes. As noites caem, os dias chegam e eu estranho, novamente, o meu corpo. Eu estranho o meu modo de falar. Eu estranho o meu modo de olhar. Eu estranho a minha forma de amar. Dizem que nascemos engessados. Dizem que somos uma folha em branco. Por favor, peço que se decidam. Se eu sou apenas uma folha em branco, como eu poderia já nascer construído de acordo com uma vontade que nem é minha? Por favor, peço novamente que se decidam. Eu fui crescendo. Eu fui sentindo. Eu senti o vento penetrar o meu rosto ao longo de todos os dias em que estive vivo. Em todos esses dias que senti o vento em meu rosto, eu me estranhei. Novamente, não de forma negativa. Há uma forma negativa? Eu estranhei as minhas ações. Estranhei quem eu era. Estranhei quem eu sou. Foi pelo estranhamento que eu me construí. Repito, eu me construí. Eu me reconstruí. Diversas vezes. Eu nunca disse que nasci pronto, porque eu definitivamente não nasci pronto. Igualmente, eu não nasci sem moldes. Eu não nasci como uma folha em branco. Carrego em meu corpo,

desde o primeiro segundo de vida, as vidas que me antecedem. Carrego em meu corpo a minha família, mas que não me resume. Ao longo dos dias, meses, anos eu catei peças que me couberam. Cacarecos que achei jogados nas beiras de inúmeras estradas. Saí catando tudo o que me cabia e estranhei aquilo que já me pertencia. Decidi me transformar em um ciborgue, mas não daqueles que possuem um canhão de pulso eletromagnético no lugar da mão esquerda. Não ainda. Ainda sou um simples e singelo ser humano. Um ser humano ciborgue. Pertencente a um hibridismo que eu mesmo construí. E eu sinto orgulho disso. Sinto orgulho do corpo que eu planejei, construí e comando. Confesso, eu não sou bom em pilotagem, mas me esforço. Igualmente, eu sou péssimo em construção, mas me esforço. Fui atrás do que me cabia. Fui atrás de performatividades que funcionam em meu programa ciborgue. Performatividades que encaixam e são compatíveis com a minha placa mãe. Vou te contar. Uma vez, tentei instalar um software heteronormativo. Ele possuía a versão mais atualizada do mercado. Havia passado por inúmeros testes e especialistas garantem que o produto era de qualidade. Não demorou muito tempo após a instalação e os meus sistemas travaram, não iam para frente. Parecia um vírus. Para mim. Para mim. Parecia um vírus. Estranhei aquele programa. Estranhei o que ele me causava. De alguma forma, o programa não era compatível com o meu sistema operacional. E tudo bem. Não era para mim. Simplesmente. Naquela época,

naveguei pelo 4shared e procurei algum outro software, dessa vez, compatível com o que eu era. Ou melhor, com o que eu queria construir. Demorou um bocado. Todo mundo sabe, o 4shared é lotado de vírus. Inúmeras tentativas. No final, acredito que consegui algo parecido com o que eu almejava. Não era tudo o que eu poderia desejar, mas chegava perto. Aproximava. Após o episódio do novo software, comecei a entender o que eu queria. Queria um corpo meu. M - E - U. Um corpo que fosse a minha criação. Um corpo que executasse uma performance só minha. É difícil, eu sei. Comecei por um meio em comum e parti para uma descoberta única. A minha descoberta. Decidi ser quem eu quero performar. Decidi performar aquilo que eu quero ser. Sim, aquilo. Não porque não gosto da minha humanidade, mas porque acredito que já passei desse estado. Lembra? Eu sou um ciborgue humano. Eu sou uma experiência e eu sou o meu próprio cientista. Eu sou quem eu sou por aquilo que eu decido performar. Eu decido o que eu quero performar. Eu tenho o direito de decidir o que eu quero performar. Claro, nada é tão simples assim. Eu não posso ferir a integridade daqueles que estão ao meu redor. Eu sei. Eu sempre tive esse cuidado. Desde criança, cobram isso de mim. Nós temos escolhas. Nós vivemos de escolhas. Mesmo assim, nenhuma escolha deve ser tomada como possível se alguém for alvo de violência. Mas cá entre nós, eu vou realmente te machucar se eu tiver a certeza de que o melhor para mim é performar quem

eu sou, um cara gay?

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.



Figura 10: Spotify. Código Spotify - Amazing, Hi Fashion. 2023. Fonte: Spotify.

## o corpo queer na arte.



Figura 11: Yuri Martins. Essa fotoperformance é para você querer falar comigo. Fotoperformance. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

Assim como vários estudiosos do campo da academia têm fugido do sistema binário de gênero e sexualidade, é possível notar também, e com maior força, essa divergência em relação aos estudiosos do campo da arte, uma vez que tal espaço concede ainda mais abertura para a transgressão, visto que a arte possibilita a relação de

construção-desconstrução e criticidade aos sistemas institucionalizados, sendo notada não só por esses exemplos, claro. Assim, é possível notar uma grande expansão e reconhecimento de artistas que se autodenominam artistas queer e/ou que desempenham uma função artística vinculada à crítica e estranhamento de seu meio social-

-cultural-estético-filosófico.

Com grande expressividade, é válido e importante reconhecer o trabalho da comunidade LGBTQIAPN+ no cenário artístico, seja em âmbito nacional ou internacional. Artistas LGBTQIAPN+ possuem significativa relevância para a história da arte, bem como para a representação dos indivíduos de sua própria comunidade, processo importante na construção de identidade daqueles que estão conectados a um mesmo cenário, pois contribuem com a produção artística, promovendo criticidade às normas cisheteronormativas, e, conjuntamente, acolhendo outros corpos que também estão em situação de alguma vulnerabilidade. Desta forma, ao longo dos anos, eles têm sido fundamentais na caminhada árdua em busca pelo respeito, igualdade de direitos civis e atribuições essenciais aos indivíduos de uma sociedade, como a oportunidade de andar na rua sem levar pedrada. Seus trabalhos variam de acordo com a sua formação pessoal e vontades. Há quem recorra à performance. Há quem recorra à pintura. Há quem recorra à escrita. No final, são inúmeras as possibilidades de se falar das vivências da comunidade LGBTQIAPN+, seja artisticamente ou não.

Partindo para a arte, ela por si só já abre a possibilidade de um compromisso de desafio às normas. No entanto, a arte queer toma caminhos mais desafiadores, perpassando por caminhos outros, mas tão difíceis quanto. A arte queer estranha e desafia a norma heteronormativa e o bi-

narismo de gênero. Assim, torna-se papel dos artistas queer a utilização da arte como meio de explorar, evidenciar e, até mesmo, tornar mais palpável e compreensível a diversidade sexual e de gênero, por meio de trabalhos diversos com temáticas pertinentes à realidade dos próprios artistas ou de colegas de comunidade. É bastante comum encontrar um artista que retrata a sua dor queer em seus trabalhos. Essa dor, por sua vez, pode ser ocasionada por diversos fatores, como por meio de vivências cotidianas de crimes como homofobia, transfobia e sexismo. Crescemos em ambientes hostis preenchidos por relações inóspitas. Quase não há afeto (aqui, falo de carinho). Quase não há acolhimento. Quase não há identificação. Saímos de um útero e somos lançados em um mundo que não nos quer. E aqueles que nos querem, cotidianamente são confrontados por instituições sociais cujo papel é fazer a manutenção de suas próprias ideologias cisheteronormativas, inculcando cada vez mais uma realidade excludente e opressora. Não digo que há apenas dor, mas definitivamente não há só amor. Retratar a dor de si e dos outros, no entanto, pode ser benéfico. Comida aproxima as pessoas. Isso igualmente pode acontecer com sentimentos, seja ele qual for. Quando nos deparamos com um mesmo sentimento, podemos de imediato esquivar ou se aproximar. Nos dois casos há estranhamento e reflexão, mesmo que em dose mínima. Em um cenário em que há aproximação, há identificação. A identificação é bastante comum em realidades paralelas

que compartilham vivências similares ou próximas. Falar sobre dor é abrir caminhos para acolhimento e cura. Tal processo acontece de forma intrapessoal, com o ato de mastigar, sentir o gosto e engolir esses sentimentos e ocorre de forma interpessoal, por meio do compartilhamento de experiências. Não deveria ser assim, mas a comunidade LGBTQIAPN+ foi construída e constituída em uma poça de dor. Dor foi e é o sentimento primordial que ainda nos prende e nos conecta. Novamente, eu não gostaria que as coisas funcionassem dessa forma. Infelizmente, ainda não chegamos ao ponto em que podemos dizer que o prazer e a felicidade são os sentimentos principais que nos trazem a necessidade de se abrigar em uma comunidade.



Saindo da dor, a arte queer possibilita novas fronteiras, enfrentando pensamentos já engessados e facilitando caminhos de criticidade e estranhamento. De forma geral, possuímos, atualmente, uma grande gama de artistas queer que dialogam com o espaço em que vivemos e corroboram para um mundo diversificado e mais habitável. No entanto, nem sempre foi assim, visto que ao longo de nossa trajetória, a arte queer foi marginalizada e, propositalmente, apagada. Foi com base em muita luta que conseguimos construir um espaço minimamente potável para existir e resistir. Podemos identificar diversos artistas queer em âmbito nacional, assim como em território internacional.

No Brasil, possuímos nomes icônicos no mundo da arte queer e aqui vão alguns exemplos:

- Liniker: Cantora e compositora. Liniker se destaca por sua voz potente e sua habilidade de misturar diversos gêneros musicais, criando um som único e poderoso. Liniker é uma pessoa trans e tem usado sua arte para trazer visibilidade para questões relacionadas à identidade de gênero e transgeneridade.
- Linn da Quebrada: Cantora, compositora e performer. É uma artista travesti que desafia as normas de gênero e sexualidade por meio de sua arte. Com letras que abordam temas como a transfobia e o racismo, Linn da Quebrada tem sido uma importante voz na luta por igualdade e respeito para pessoas pretas e LGBTQIAPN+.

Figura 12: Yuri Martins. /Súplica/. Fotoperformance. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

- Laerte Coutinho: Cartunista e quadrinista. É uma das vozes mais conhecidas da cena cultural brasileira, em especial nas artes visuais. Laerte é uma pessoa trans e tem usado suas tirinhas e histórias em quadrinhos para abordar questões relacionadas à identidade de gênero e sexualidade, assim como a luta contra o preconceito e a discriminação.

- Maikon K: Artista performático brasileiro e gay. Trabalha com questões relacionadas à identidade de gênero e sexualidade.

- João Silvério Trevisan: Escritor, dramaturgo e cineasta brasileiro. João Silvério Trevisan é um dos pioneiros da literatura LGBTQIAPN+ no Brasil. É um artista gay e usa sua arte para falar sobre questões relacionadas à identidade de gênero e sexualidade, incluindo a homofobia e a discriminação contra pessoas LGBTQIAPN+. Seus livros e filmes já receberam diversos prêmios e são considerados fundamentais para a construção de uma cultura mais inclusiva e diversa no Brasil.

Em terras internacionais, exteriores ao Brasil, temos outros artistas queer que igualmente são icônicos e contribuem com a história da arte queer, sendo possível destacar os seguintes exemplos:

- Ron Athey: Artista performático norte-americano. Ron Athey é um homem gay e soropositivo. Sua arte é altamente controversa e desafiadora, frequentemente explorando temas como a dor, a violência e a sexualidade. Sua performance “Four Sce-

nes in a Harsh Life” foi especialmente polêmica, envolvendo uma performance de body modification e provocando reações extremas do público.

- Leigh Bowery: Artista performático australiano. Leigh Bowery foi uma figura importante na cena artística e clubber dos anos 80 e 90 em Londres. Abertamente gay e conhecido por suas performances altamente provocativas e extravagantes, Bowery explorou temas como o gênero, a sexualidade e a identidade em suas performances.

- Travis Alabanza: Artista performática britânica. Travis Alabanza é uma mulher trans e usa sua arte para falar sobre questões relacionadas à identidade de gênero e raça. Sua performance “Burgerz” explora o impacto do assédio transfóbico em suas vítimas.

- Marsha P. Johnson: Drag Queen e ativista norte-americana. Johnson foi (e é) uma artista talentosa que usou sua criatividade para transmitir mensagens de esperança e empoderamento para pessoas pretas e LGBTQIAPN+.

- David Wojnarowicz: Escritor, fotógrafo e artista visual. Wojnarowicz usou sua arte para criticar a homofobia e a injustiça social. Suas obras também foram parte fundamental da campanha pela conscientização sobre a crise da AIDS na década de 80.

Agora que alguns exemplos de figuras importantes para o cenário queer feet. artístico foram apresentados, falarei mais profundamente de uma categoria es-

pecífica: a categoria das drag queens.

As drag queens e, até mesmo, os drag kings, são figuras performáticas que nascem (são construídas) com o objetivo de estranhar e provocar a performatividade insitucionalizada de gênero que nos é apresentada como binária e heteronormativa. As drags, por meio de uma construção corporal e performática de trejeitos, colocam em evidência, de maneira exagerada e, muitas vezes, cômica, características atribuídas a um certo gênero. No caso das drag queens, o gênero posto em xeque é o feminino e em relação aos drag kings, o gênero estranhado é o masculino. Ao olharmos ao nosso redor, podemos observar que o gênero está intimamente ligado ao sexo em um processo posto como biológico e imutável, indigno de qualquer alteração ou possibilidade de divergência. Cotidianamente, ouvimos que pessoas que nascem com pênis crescem com o destino de performar o gênero masculino, da mesma forma que encaminham o gênero feminino para as pessoas que nascem com vagina. Tal pensamento é excludente em vários sentidos, pois, coloca como regra apenas a existência de homens e mulheres (cis) e excluem completamente aqueles que não se identificam com a performatividade de gênero imposta, cuja ainda surge de forma binária. A proposta da figura drag é questionar o padrão vigente da performatividade de gênero, exagerando com exuberância os comportamentos,

trejeitos, vestimentas e o que mais for dito como característico de um gênero<sup>1</sup>. É comum presenciar em montagens de drag queens maquiagens pesadíssimas, trajes extravagantes e perucas estilosas, todos com o objetivo de parodiar e brincar ao máximo com a feminilidade. Assim, o trabalho drag surge como forma de resistência e crítica à naturalidade de gênero imposta socialmente. Atribuindo-se ao sentido da palavra queer, com a sua existência, a drag causa estranhamento, tornando-se esse ser anormal, desarmonico e caricato. É fascinante observar a potencialidade da montagem drag, uma vez que tal processo nos mostra a linha tênue entre criar e ser criado. Vejamos, ao nascer homem, disseram-me que a minha performatividade de gênero deveria ser a masculina.

Figura 13: Você sabe q  
evitando c  
toperforma  
Fonte: Arqu



8 Tenho ciência de que para a explanação acerca da performatividade de gênero seria interessante a utilização das pesquisas de Judith Butler, no entanto, por causa do tempo disponível, eu não consegui me debruçar nos estudos da autora. Posteriormente, pretendo dar continuidade à pesquisa e inserir Butler de maneira efetiva na discussão.

Furi Martins.  
que eu estou  
horar. Fo-  
ance. 2023.  
vivo pessoal.



No entanto, a arte drag evidencia a possibilidade de se desamarrar dessa concepção dada como natural e intrínseca, propiciando a criação de um novo corpo para si mesmo, de acordo com os próprios gostos e desejos. Dessa forma, é visto que os corpos podem e são fabricados diariamente com o

convívio em sociedade, assim como todas as características e sentidos que, socialmente, são colocados como inerentes à natureza do ser humano. Louro (2022, p. 79) complementa: “É exatamente nesse sentido que a figura da drag permite pensar sobre os gêneros e a sexualidade: ela permite questionar a essência ou a autenticidade dessas dimen-

sões e refletir sobre seu caráter construído”.

Podemos ir um pouquinho além na discussão de construção de corpos e partir para um outro viés, o viés da cultura cyberpunk.

A cultura cyberpunk é um subgênero da ficção científica que se desenvolveu nas décadas de 1980 e 1990. De forma resumida, ela retrata um futuro distópico e tecnologicamente avançado, onde a sociedade está impregnada de alta tecnologia, mas também corrompida por grandes corporações, desigualdade social e uma sensação de alienação. Uma das características distintivas do subgênero cyberpunk é a sua relação com o corpo humano, em seus desdobramentos enquanto evolução, controle, fuga, liberdade e domínio.

Nesse universo, o corpo é frequentemente modificado e aprimorado por meio de implantes cibernéticos, próteses e outros aparatos biomédicos e tecnológicos. Diferentemente da premissa drag, política e a artística, o intuito dessas modificações é permitir que as pessoas melhorem suas habilidades físicas, sensoriais e cognitivas, alcançando um nível de aprimoramento além das capacidades humanas normais, alcançando um nível de rendimento para além do biológico e conseqüentemente caindo em um “distanciamento da humanidade”. Sendo assim, a relação entre o corpo e a tecnologia no cyberpunk é ambígua. Por um lado, as modificações cibernéticas oferecem vantagens significativas, como aumento da força, velocidade, memória e acesso a uma vasta quantidade de informações. Por outro lado, essas modificações também levantam questões sobre a perda da identidade humana, a dependência da tecnologia e a possibilidade de controle e vigilância por parte das grandes corpo-

rações ou governos autoritários. De certa forma, não é algo muito distante das modificações corporais que possuímos atualmente em nossa sociedade. A diferença é que não possuímos muitas tecnologias, ou tecnologias muito avantajadas. Em todo caso, não é difícil olhar para o lado e visualizar alguém com alguma modificação corporal que tenha algum poder especial, seja ele estético, de força, memória ou afim.

Além disso, o cyberpunk também aborda temas como a despersonalização do corpo humano, a desconexão emocional e a degradação da natureza. Muitas vezes, os personagens cyberpunk são retratados como indivíduos marginalizados, ciborgues ou hackers que lutam contra um sistema opressivo e tentam manter sua humanidade em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia, o que também acontece em nossa sociedade com a presença das travestis marginalizadas que se (re)constroem e sobrevivem diariamente, lutando contra um sistema opressivo.

No final, a tecnologia é força e potência, porém, temos que analisar com cuidado em quais mãos essa energia estará e qual propósito ela terá. Ela deve estar nas mãos das grandes corporações ou nas mãos dos indivíduos marginalizados?

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.



Figura 14: Spotify. Código Spotify - Oração, Linn da Quebrada. 2023. Fonte: Spotify.

A CATEGORIA, É...  
GROTESCA!



A CATEGORIA, É...  
GROTESCA!

estética. categoria estética. qualidade estética. gosto.



Figura 15: Yuri Martins. Apenas uma das minhas mil noites. Fotoperformance. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Para começarmos a ambientar o universo do grotesco, vejo como necessário dialogar brevemente sobre as formas de se entender a estética, bem como as suas principais características e formas de ser observada.

De forma resumida, o termo “Estética” tem origem grega, com o formato “aisthesis”, e carrega consigo os significados de percepção, sensação e sensibilidade ou percepção sensitiva, de forma mais diretiva. Ao longo da história, a estética foi estudada e obteve diversos significados e interpretações. Possui raízes na Grécia an-

tiga, onde filósofos como Platão e Aristóteles já se ocupavam de questões relativas à arte e à beleza. No entanto, de acordo com Pinto e Darwich (2022), foi apenas no século XVIII que a estética se consolidou como uma disciplina autônoma da filosofia, quando o filósofo alemão Alexander Baumgarten cunhou o termo “estética” para se referir à teoria da arte e da beleza, contribuindo para o surgimento da estética moderna. Desde então, a estética tem se desenvolvido e se expandido para abranger uma extensa variedade de tópicos, como a natureza da arte, o papel da arte na socieda-

de, a experiência estética, o valor estético, a estética da natureza e muitos outros.

Para o desenrolar dessa pesquisa, trarei o entendimento sobre Estética a partir do ponto de vista e estudo da filósofa Maria Elizabeth Reicher, que compreende a Estética como algo além do que é comumente difundido: a teoria do belo, teoria da arte ou teoria de conhecimento sensitivo. Resumidamente, seguindo com o pensamento de Reicher, podemos entender a Estética como “a teoria da experiência estética, dos objetos estéticos e das qualidades estéticas” (2009, p.17).

Quanto à experiência estética, podemos entender como a apreensão subjetiva/psicológica das qualidades estéticas de um objeto estético. Como exemplo, podemos pensar na contemplação e absorção de um quadro com qualidades pertencentes à categoria estética grotesca. Neste exemplo, nota-se que a experiência estética é o ato de visualizar, sentir e interpretar subjetivamente/psicologicamente uma realidade objetiva composta pelo quadro e suas qualidades estéticas do mundo grotesco.

Em relação ao objeto estético, podemos entender como aquele objeto (aqui, não necessariamente entendido em sua definição comum) de arte reconhecido como objeto de arte, cujo o mesmo carrega uma ou mais qualidades estéticas e é capaz de oferecer uma experiência estética.

Já a qualidade estética, também entendida como componente constitutivo de uma categoria estética, é o atributo objetivo e subjetivo de um objeto estético, que pode ser

apreendido por uma experiência estética. É importante dizer que as qualidades estéticas estão no objeto, porém, só são compreendidas, julgadas e interpretadas como tal por conta de uma convenção social subjetiva e até mesmo uma experiência individual que parte de um ser humano que o contempla, também de forma subjetiva. Nota-se que a tríade “experiência estética - objeto estético - qualidade estética” funciona de forma conjunta e interdependente, em que cada componente desempenha um papel fundamental para a execução e entendimento dos outros. Assim, a Estética seria a teoria que estuda e dialoga com a relação entre o objeto, suas características objetivas e suas possíveis apreensões subjetivas.

Agora que o termo Estética está destrinchado, mesmo que ainda de forma breve, caminhemos para uma análise mais detalhada sobre um de seus componentes: a qualidade estética, aqui pensada de forma mais ampla e conjunta, interpretando a categoria estética.

Segundo Sodré e Paiva (2014, p. 32), a categoria estética é:

(...) um sistema coerente de exigências para que uma obra alcance um determinado gênero (patético/trágico/dramático, cômico/grotesco/satírico) no interior da dinâmica da produção artística. A categoria responde tanto pela produção e estrutura da obra quanto pela ambiência afetiva do espectador, na qual se desenvolve o gosto, na acepção da faculdade de julgar ou apreciar objetos, aparências e comportamentos.

Assim, uma categoria estética pode ser vista como uma grande organização (mesmo que, às vezes, de forma desorganizada) de elementos próprios e convergentes de uma criação, as qualidades estéticas. Tais elementos podem surgir de forma objetiva e/ou subjetiva, sendo que no primeiro caso há um maior protagonismo das características físicas do objeto - empregadas hegemonicamente por uma construção decorrente de uma ou mais subjetividades - e no segundo, uma maior inclinação para a apreensão sensível realizada pelo espectador - também influenciada por um ou mais poderes hegemônicos -, aqui pensada a partir do gosto.

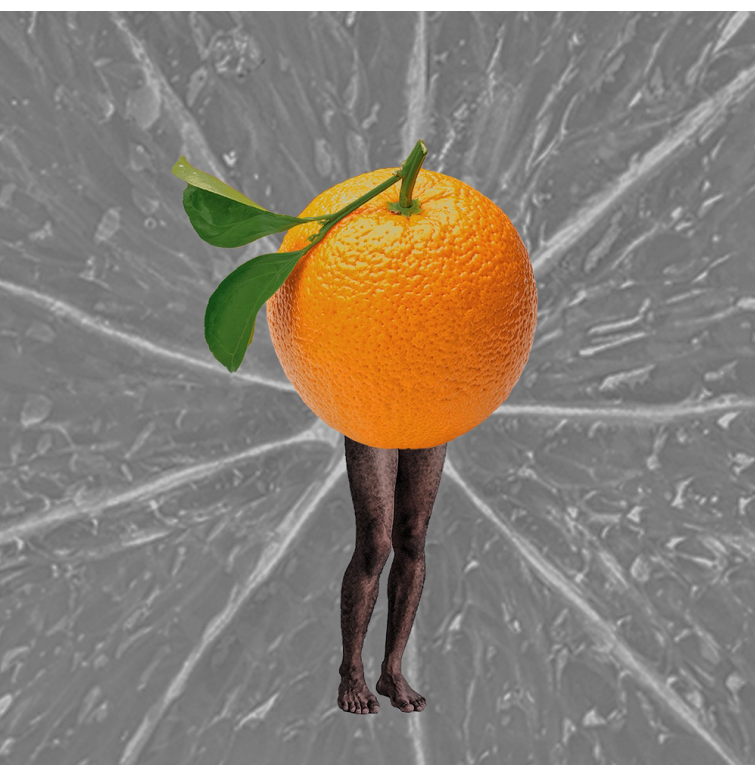


Figura 16: Yuri Martins. Laranja da própria vida. Foto-performance. 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

É importante frisar que as noções de gosto e formas de utilizá-lo tomam proporções diferentes em cada cultura e tempo, bem como para cada componente singular da

mesma, como seus grupos e seres individuais. Dessa forma, diversos gostos podem se manifestar de forma divergente para um mesmo conjunto de qualidades estéticas de uma categoria estética, visto que a experiência subjetiva acontece de forma íntima, privada e própria, mesmo que essas atribuições sejam moldadas e interferidas de forma direta e/ou indireta pelo meio social que o comporta.

É característico da categoria estética graciosa as qualidades de belo e de pequenas proporções. Um exemplo: uma escultura com formas organizacionais harmoniosas, de acordo com o padrão, porém com tamanho reduzido. Por estar conectado às características de beleza em sua organização de forma, mesmo que ainda possuindo a harmonia de seu pequeno tamanho, o gracioso tende a incitar beleza na vivência daquele que experiencia esteticamente aquele objeto dotado de graciosidade. No entanto, como o processo de experiência estética cabe, majoritariamente, de uma performance subjetiva e individual, é possível que determinado experienciador se depare com uma apreensão sem beleza alguma. Uma vez que as experiências estéticas acontecem de formas múltiplas e infinitas, não é difícil dizer que é possível encontrar beleza no grotesco, assim como feiura no Belo. Claro, o pensamento que eu apresento aqui é o de uma visão subjetiva/psicológica, em que é acreditado que as qualidades e categorias estéticas são primordialmente ou em sua totalidade do campo psicológico/subjetivo daquele que contempla o objeto estético

em dada experiência estética.

Assim, a visão subjetiva concede maior destaque para os processos que acontecem no corpo e imaginário do espectador, valorizando as experiências individuais e históricas que são impressas e carregadas no corpo de cada indivíduo. Além disso, pode ser vista como um ponto de partida para a compreensão das qualidades estéticas que um objeto estético possui, em um movimento que parte do interior humano para o exterior do objeto.

A beleza não é uma qualidade das próprias coisas; ela existe apenas no espírito que as contempla, e cada espírito percebe uma beleza diferente. É possível mesmo que um indivíduo encontre deformidade onde outro só vê beleza, e cada um deve ceder a seu próprio sentimento, sem ter a pretensão de controlar o dos outros. Tentar estabelecer uma beleza real ou uma deformidade real é uma investigação tão infrutífera quanto tentar determinar uma doçura real ou um amargor real. (DUARTE, 2017, p. 95)

Esse gosto age como mecanismo para a apreciação e compreensão de mundo a partir de experiências estéticas de objetos estéticos dotados de uma ou mais categorias estéticas. É a partir do gosto que podemos manifestar a apreensão das categorias estéticas existentes, assim como o processo de fabricação de sorvete, em que os ingredientes (qualidade estética) entram no maquinário (ser humano) e são processados por uma série de esteiras (execução

do gosto), resultando no produto final denominado sorvete (leitura, compreensão e expressão das características do objeto estético). Como pode ser observado, a categoria estética é uma peça fundamental para entender as diversas formas e o modo como essas são manifestadas em nossos corpos, por meio do gosto. Através dela, podemos, por exemplo, analisar homogeneidades construídas socialmente e que afetam o gosto individual. Um exemplo de homogeneidade construída é a fixação e adoração do harmônico como belo, embora haja diversas outras qualidades que também poderiam ser interpretadas (e em alguns casos são) como algo igualmente belo.



Figura 17: Yuri Martins. A preço de banana. Fotoperformance. 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

O gosto, por ser uma manifestação subjetiva, tende a se revelar popularmente como algo unicamente individual, porém, sabemos que a história é um pouco mais complexa. Nós, seres humanos, desempenhamos papéis como agentes ativos na so-

cidade em que vivemos, ou seja, influenciamos e somos influenciados pela mesma em um processo de troca e interferência mútua. É inegável. O gosto nasce através da interação entre duas figuras: sociedade e ser individual. Nessa interação, por parte do agente individual, questões biopsico-socioespirituais particulares são colocadas em pauta e afetam a relação constituída por esses dois lados. Já em relação à sociedade, podemos observar todos os fragmentos de imersão que uma comunidade pode oferecer, como marcadores históricos ou até mesmo, vontades e gostos compostos por uma maioria. Da mesma forma que o gosto (paladar) pode ser entendido como uma apreciação/apreensão de um objeto palatável, o gosto (leitura, compreensão e expressão das qualidades de um objeto estético) também pode ser visto como uma apreciação/apreensão de um objeto também consumível sensorialmente.

Ainda segundo Sodré e Paiva (2014), a categoria estética possui alguns “elementos constitutivos” que podem ser resumidos no seguinte quadro:

| Elemento constitutivo | Breve explicação   |
|-----------------------|--|
| Equilíbrio de forças  | Estruturação dos elementos da obra, assim como seus equilíbrios e desequilíbrios presentes |
| Reação afetiva        | Impressão de natureza emocional vinda do espectador  |
| Valor estético        | Grau de valor qualitativo empregado na obra  |
| Trânsito estético     | Capacidade de uma mesma categoria estética ser vista em obras de outras modalidades        |

Quadro 2:  
Elementos constitutivos da categoria estética

O equilíbrio de forças pode ser entendido como o equilíbrio entre os elementos estruturantes da categoria estética presente na obra. Por possuir características específicas, cada categoria estética carece de um bom funcionamento entre os equilíbrios e desequilíbrios. Um exemplo é o desequilíbrio quanto à forma e harmonia presentes no grotesco. A reação afetiva diz respeito às impressões emocionais que determinada categoria estética tem o poder de ocasionar no espectador que a consome. A fim de exemplificar a explicação, podemos pensar nas experiências emocionais de piedade e horror que a categoria trágico pode oferecer. Quanto ao valor estético, vejo como o gosto individual em relação às qualidades da Beleza, sendo assim, podem ser vistos como valores de expressão. Exemplos de valores estéticos são: alto e baixo, torto e reto e harmônico e desarmônico. Por fim, o trânsito estético representa a habilidade de uma mesma categoria estética ser encontrada e poder habitar diversas obras, em modalidades diferentes. Por exemplo: o grotesco assumindo papel em um romance, mas também em uma célula de movimento dançado.

De acordo com Suassuna (2009), é possível definir a categoria estética de duas formas: objetiva e subjetiva/psicológica. Em sua forma objetiva, de acordo com os pensamentos sugeridos por Aristóteles, a categoria estética é influenciada por sua forma física, bem como suas características em detrimento de harmonia e grandeza (tamanho). Em sua forma subjetiva, de acordo

com os estudos de Charles Lalo, a categoria estética é definida pelo campo subjetivo em contato com o objeto estético, prendendo-se aos critérios de inteligência, atividade e sentimento. De forma subjetiva, elas são definidas como:

| CATEGORIA ESTÉTICA SUBJETIVA/PSICOLÓGICA |
|--|
| Belo                                     |
| Sublime                                  |
| Espirituoso                              |
| Grandioso                                |
| Trágico                                  |
| Cômico                                   |
| Gracioso                                 |
| Dramático                                |
| Humorístico                              |

Quadro 3: Categorias estéticas subjetivas.

Já de forma objetiva, as categorias estéticas são:

| CATEGORIA ESTÉTICA OBJETIVA |
|-----------------------------|
| Belo                        |
| Sublime                     |
| Gracioso                    |
| Trágico                     |
| Feio                        |
| Horrível                    |
| Risível                     |
| Cômico                      |

Quadro 4: Categorias estéticas objetivas.

Como pode ser percebido, uma categoria estética possui inúmeras particularidades em sua definição e constituição, em alguns

momentos concebidas até mesmo de forma confusa. De forma resumida, uma categoria estética é resultado da junção de um dos três pilares principais para o entendimento da Estética (em conjunto com a experiência estética e o objeto estético). Pode ser definida de forma objetiva ou subjetiva, sendo um conjunto de qualidades estéticas objetivas e/ou subjetivas, definidas por uma maioria hegemônica social e histórica, que constroem um arcabouço estético passível de ser consumido em uma experiência estética, a partir de uma interação subjetiva com um objeto estético.

Agora, você deve estar se perguntando: “Ok, Yuri, mas cadê o grotesco? Você não vive falando dele? O grotesco não está no título? Cadê ele? Ele não é uma categoria estética? Por que ele não aparece na listagem de categorias estéticas objetivas e subjetivas?”. CALMA, SÃO MUITAS PERGUNTAS. Bom, o grotesco realmente é uma categoria estética, porém, não surgiu e/ou foi consolidado na época dos estudos de Aristóteles e Lalo. Está curioso? Quer entender o motivo? Acompanhe-me. Toca a vinheta.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.



Figura 18: Spotify. Código Spotify - November - Single Edit, Max Richter. 2023. Fonte: Spotify.

o belo de cabeça para baixo.



Figura 19: Yuri Martins. Patodavida. Fotoperformance. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

Realizando uma rápida busca no site de pesquisas “Google”, é possível identificar como definição para o termo grotesco, segundo o dicionário Oxford Languages, os seguintes significados: “que ou o que se presta ao riso ou à repulsa por seu aspecto inverossímil, bizarro, estapafúrdio ou caricato”. Além dessas características apresentadas pelo dicionário, é comum, atualmente, utilizarmos o termo grotesco como um adjetivo de conotação negativa.

Um exemplo é a expressão “atitude grotesca” que pode ser interpretada como uma atitude grosseira, mal educada, hostil, desrespeitosa e contra à norma. De fato, a utilização atual da palavra grotesca ainda possui certa conexão com o seu significado de origem, no entanto, é perceptível a evolução e reincorporação no sentido da palavra, adotando cada vez mais um caráter depreciativo e principalmente, banal. Tornou-se banal com o decorrer do tempo. De certo,

o grotesco não está presente apenas na forma, uma vez que atua como uma categoria estética e possui poder subjetivo suficiente para se desenvolver na psique de quem o consome. Por possuir esse poder imaterial, o grotesco também pode ser adotado e reinventado nos códigos da linguagem, assim, adotando com o passar do tempo novos significados e interpretações.

Em sua origem, a palavra grotesco é derivada de grotto, termo em latim utilizado para dar significado à gruta ou caverna. De acordo com Mello (2020), o início do grotesco surge no século XV após descobertas de objetos soterrados em Roma e em algumas regiões da Itália. Em relação a Roma, as escavações ocorreram em Oppius, revelando os restos do palácio Domus Aurea, elaborado por Nero em 64. Tais objetos encontrados possuíam características únicas, sendo elas hibridismo, deformidade, bizarrice, figuras humanas distorcidas, animais fantásticos, plantas exóticas e padrões geométricos intrincados, destoando completamente da estética classicista presente no Renascimento. Obviamente, o grotesco como forma de manifestação artística foi amplamente criticado, afinal, ia contra valores de forma, harmonia e realidade. Como exemplo de crítica ao grotesco é possível citar Giorgio Vasari, pintor e historiador, que julgava a arte grotesca como desumana, uma vez que tal arte ia contra os seus princípios acreditados de verdade natural. Independentemente de contravenções e resistências, o grotesco se firmou e as pessoas tomaram gosto. Ain-

da segundo Mello (2020), naquela época, houve diversas utilizações do grotesco na arte, mesmo com pensamentos contrários. Como exemplo é possível citar: Cardeal Todeschini que encomendou a decoração das abóbadas da Catedral de Siena, em 1502; Rafael que em 1515 fez ornamentos em pilstras; e trabalhos de Agostino Veneziano, que utilizam a hibridização e ornamentos variados com proporções distorcidas. Ou seja, mesmo com o desgosto e o presente distanciamento com a arte grotesca, ainda havia quem desejasse tê-la por perto.

Assim, ainda com contradições, o grotesco continuou a ser utilizado como uma possibilidade de expressão dentro da arte, descrevendo uma estética com o poder de evocar o estranho, o bizarro e o fantástico, sendo uma linha de significação que se manifesta em várias formas de arte, incluindo a pintura, escultura, dança, performance, audiovisual, arquitetura e literatura. Na pintura, os artistas costumam retratar figuras humanas (ou não) distorcidas, monstruosas e exageradas, muitas vezes combinadas com elementos naturais ou fantásticos. Um exemplo desse tipo de artista é o Francisco José de Goya y Lucientes (1746 - 1828), com obras como “Saturno devorando um filho”. Na escultura, as figu-



Figura 20: Goya. Saturno devorando um filho. 1819 - 1823. Fonte: Artrianon.

ras grotescas são esculpidas com características deformadas ou caricaturais, tendo suas características físicas naturais alteradas de forma exagerada por vontade própria do artista. Já na dança, o grotesco aparece por meio de movimentos tortos, utilização de partes baixas do corpo humano, reprodução de uma performatividade mais “animal” e uso de elementos que evocam características de estranhamento.

Em síntese, a história do grotesco é uma jornada que começou na Roma Antiga, por meio das escavações, sofreu críticas como críticas, resistiu, o pessoal continuou a se expressar por meio do grotesco, evoluiu ao longo dos séculos e encontrou espaço de expressão nas diferentes formas de arte. Assim, o grotesco se configura como um desafio às convenções estéticas, explorando o estranho, o bizarro e o fantástico, além de ser uma poderosa ferramenta de expressão artística até os dias de hoje.

Voltemos para a pergunta lançada por mim ao final do último subcapítulo. Como foi visto em parágrafos anteriores, o grotesco só aparece no período renascentista, um bocadinho de tempo após a existência e morte de Aristóteles, no período clássico. Logo, não houve qualquer cruzamento entre as ideias estéticas de Aristóteles e a existência do grotesco. Um outro ponto importante é que, segundo Sodré e Paiva (2004), foi apenas com Víctor Hugo, no prefácio do livro *Cromwell* (1827), que o grotesco foi instaurado de fato como uma categoria estética, mesmo com os seus diversos aparecimentos antecedentes em

produções artísticas.

Agora que uma pequena linha temporal da história do grotesco foi traçada, partiremos para a classificação de seus gêneros e espécies, a fim de entendermos melhor como funciona essa categoria estética.

De acordo com as kingas Sodré e Paiva (2014), o Grotesco pode ser destrinchado em classificações de gêneros (modalidade de apresentação) e espécies (modalidade de expressão), podendo ser exemplificado melhor o gênero no seguinte quadro (e textinho explicativo):

| GÊNEROS         |                    |                 |          |              |
|-----------------|--------------------|-----------------|----------|--------------|
| Representado    |                    | Atuado (vivido) |          |              |
| Suporte escrito | Suporte imagístico | Espontâneo      | Encenado | Carnavalesco |

Quadro 5: Gêneros do grotesco.

**Gênero representado:** Representa a ramificação do grotesco responsável por cenários, episódios ou panoramas referentes a algum tipo de comunicação indireta.

**Suporte escrito:** Textos, escritas, literatura, demais artes no campo da tipografia.

**Suporte imagístico:** Escultura, desenho, fotografia, fotoperformance, arquitetura, televisão, cinema.

**Gênero atuado (vivido):** Representa a ramificação do grotesco responsável por cenários, episódios ou panoramas referentes a algum tipo de comunicação direta, vivida na existência cotidiana ou em espaços de palcos.

**Espontâneo:** Expressão de um episódio

grotesco vivido no cotidiano. Comumente, está atrelado a um rebaixamento espiritual e midiático (não sendo um requisito essencial, mas contribui para a intensidade e propagação), ocasionando uma impressão de ridicularidade e de absurdo em relação à realidade. Um clássico exemplo é o tweet do antigo Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, mais comumente conhecido como Fora Bolsonaro, proferido na rede social Twitter com as seguintes palavras: “O que é golden shower?” rs. O tweet torna-se grotesco por mergulhar em uma quebra de expectativas em relação a uma posição exigida de um presidente da república. Comumente, é esperado de pessoas que ocupam cargos públicos certa postura de seriedade e neutralidade em relação a alguns assuntos, principalmente assuntos mais baixos rs. Claro, o Twitter é uma rede social pessoal, mas precisava? Bastava um Google.

Notinha cis: O tweet de Bolsonaro circulou na internet como um meme, em formato de imagem, logo, era de se esperar que ele seria categorizado como uma ramificação de suporte imagístico, uma vez que segue o padrão de ser um material de imagem, porém, é válido pararmos para pensar que o Twitter é a origem da mensagem e da interação autor - leitor, e que o foco da rede social é justamente a comunicação direta entre seus usuários. Além disso, o meme, em formato de imagem propagada, foi apenas o impulsionador do conteúdo da plataforma.

Encenado: Aqui, o nome já revela bastante informação. Diz respeito às ações corporais grotescas executadas nas artes das cenas, estando presente em peças teatrais de palhaçaria e outros jogos cênicos.

Carnavalesco: O grotesco carnavalesco está ligado às manifestações populares e religiosas que acontecem em nossas sociedades, estando acoplado ao espírito carnavalesco e circense.

Em relação aos gêneros do grotesco, podemos perceber que ele é distinguível de duas formas. A primeira forma, a representada, diz respeito, de uma forma bem genérica, a uma obra produzida por alguém, sendo dividida em suporte escrito e suporte imagístico. Pode ser uma coluna em uma revista, um quadro por um artista, um curta elaborado por um videomaker e por aí vai. “Certo, então, pode ser um solo de um b-boy?” Bom, aí não, gata. Se retomarmos as explicações acerca do grotesco representado, é visto que ele precisa estar no campo da materialidade, do palpável, do atemporal. Dando continuidade, o segundo gênero do grotesco é o atuado (vivido), relacionado ao universo das interações humanas. Esse segundo gênero, subdivide-se em três partes. A primeira, denominada espontânea, diz respeito aos bafões ridículos que acontecem cotidianamente e fazem você ficar boquiaberto e dizer “Eu não acredito”. A segunda, chamada de encenada, está bastante presente em espaços cênicos com a galera das artes das cenas, por meio das ações corporais grotescas. A terceira e última parte, nomeada de carna-

valesca, dialoga sobre as manifestações religiosas e populares.

Agora que os gêneros do grotesco estão explicadinhos, partiremos para as espécies do grotesco. Segue o fio. Ainda de acordo com as kweens Sodré e Paiva (2014), o Grotesco possui quatro espécies diferentes que podem aparecer tanto nos gêneros atuados quanto representados. Novamente, segue um pequeno quadro e breve explicação:

| ESPÉCIES (MODALIDADE DE EXPRESSÃO)                      |
|---|
| Escatológico  |
| Teratológico  |
| Chocante  |
| Crítico   |
| Extra-humana (Vegetal, animal, demoníaca e tecnológica) |

Quadro 6:  
Espécies do  
grotesco.

Escatológico: Hmm... Hmmm... Quer? Dou não, é meu. Esse scat é meu! Expressão grotesca categorizada por situações em que há idealização subjetiva ou presença objetiva de dejetos humanos, partes baixas e/ou secreções e excreções como urina, fezes, sangue, pus, peidos, vômitos etc. Um grande exemplo é o belo e digníssimo audiovisual brasileiro *2 Girls 1 Cup* (2007), produzido pela Fachini Media. O nome do longa revela um bocadinho sobre o que acontece na trama, porém, você realmente precisa assistir. Não contarei mais do que o suficiente :D. A nível de curiosidade e pen-

samento, dois campos brasileiros que estão lotados de essência escatológica são o humor e a pornografia. No humor, ele surge como ferramenta para ocasionar o risível e no pornô, aparece como fetiche e porta para deleite sexual. Outro maravilhoso exemplo é a fixação que crianças têm com piadas envolvendo peidos, você provavelmente já ouviu uma penca.

Teratológico: Espécie grotesca baseada na interação ou relação com anomalias congênitas, monstruosidades, aberrações, deformações naturais, bestialismos e etc. Um exemplo bastante famoso é a história de Myrtle Corbin (1868 - 1928), uma mulher norte-americana nascida com dois pares de pernas que viveu grande parte de sua vida como atração de circo.

Notinha cis: No texto de Sodré e Paiva, é colocado como condição o risível para que aconteça a espécie teratológica, porém, não vejo dessa forma. O grotesco tem como particularidade a capacidade de consumir pequenas quantidades de características de outras categorias estéticas. Características essas que não ofendem a sua constituição e não a modificam, uma vez que a sua própria composição é hegemônica e híbrida. Seguindo com o pensamento, é possível que em contato com uma cena grotesca teratológica, o espectador queira esboçar algo mais do que apenas risadas.

Chocante: Espécie grotesca utilizada com o intuito de ocasionar provocações no espectador, abalando a sua capacidade de re-

cepcionar e assimilar as informações. Pode estar presente nas duas espécies anteriores. Comumente, está presente na televisão brasileira, em jornais policiais e programas de auditório dotados do chamado grotesco chocante como o Chumbo Grosso e Programa do Ratinho, respectivamente.

Crítico: Aqui, o nome diz bastante sobre essa espécie grotesca. Diz respeito a um rebaixamento executado de forma proposital e política, com o intuito de uma reeducação pública/social. Por meio da utilização de exageros, deformações, fabricações corporais e outros, é proposto a criação de mundos desvirtuados e desvirtuosos e, conseqüentemente, o abalo sísmico daqueles outros que já existem. Possíveis caminhos são a caricatura, charge, paródia e/ou qualquer outro movimento de desnivelamento estético de realidade com teor risível ou tragicômico, sendo importante a criação da inquietação por meio da inquietação.

Notinha cis: Agora é sério, que um raio caia sob a minha cabeça se o meu raciocínio estiver errado ou equivocado, mas eu arrisco todas as minhas fichas e digo com toda a certeza do universo que a figura das drags está totalmente imbricada na espécie grotesca crítica. Como? Ainda restam dúvidas? Vem com o tio Yuri que eu te explico!

Como mencionado no segundo capítulo desta obra, o corpo drag é fabricado em contexto de criticidade. Ele nasce no ambiente queer em uma tentativa de rebaixamento de uma performatividade de gênero. O rebaixamento ocorre por meio da cons-

trução de um corpo dotado de inúmeros exageros com maquiagens, unhas, laces, próteses, enxertos, trejeitos e perversões. Tal processo não é dado de forma simplista ou gratuita, há finalidade e muito suor. Além de diversão e tragicomicidade, a existência drag que é artística, e acima de tudo política, provoca uma reeducação social. Essa reeducação ocorre de forma desfigurada, deturpada e desvirtuada, assumindo uma posição grotesca de expressão excepcionalmente crítica. É válido lembrar que essa expressão é uma escolha e toda e qualquer escolha é política.

Extra-humana: A real é que o grotesco pode ser expressado de inúmeras formas, inúmeras. Eu poderia me debruçar sobre o assunto e tentar catalogar todas as possíveis espécies grotescas existentes, mas eu não conseguiria executar isso e sequer chegaria perto, sendo assim, vamos deixar para pesquisas futuras (será que vem aí?), talvez. Aqui, além das espécies elencadas por Sodré e Paiva (2014), adiciono uma coleguinha a mais: a extra-humana. É um rap totalmente novo, nunca mais irão ver de novo. A espécie grotesca extra-humana trabalha com elementos para além do corpo humano, flertando e tornando como possibilidade a utilização de elementos de outros mundos que podem ser utilizados para a construção de um novo mundo e de um novo corpo. Possui semelhança com a espécie crítica por conta de características como o exagero, deformação, fabricação corporal e a criação de um corpo desvirtu-

ado, porém, aqui, o âmbito político, crítico e social é bem menos importante ou quase inexistente, afinal, o objetivo é fugir de uma realidade humana, atingindo uma condição que é extra-humana, sendo essa condição uma combinação de corpos ou uma total fuga da nossa carcaça de carbono. Pode ser vista, a princípio, por quatro vieses, sendo eles o vegetal, animal, demoníaco e tecnológico.

O primeiro, vegetal, diz respeito às hibridizações ou construções totais dentro/por meio do mundo dos vegetais. Não é algo muito dificultoso, o nome já revela muita informação.

O segundo, animal, segue o mesmo fio do primeiro e dialoga com as experimentações corporais em interação com animais. O demoníaco, por sua vez, entra em um campo mais delicado e imagético, uma vez que trabalha com mitologias, religiosidades e ficção científica, coisas construídas pelo homem rs. Assim, busca corresponder às expectativas de um universo pautado em monstros, orcs, trolls, súcubus, dragões, undeads, wendigos, behemoth, ciclopes, Cthulhu e o que mais vier pela frente. Entre os quatro vieses, é, de longe, o mais consumido por filmes, livros e outros conteúdos midiáticos.

O tecnológico, quarto e último viés da espécie grotesca extra-humana, segue um ritmo parecido com o anterior, uma vez que também dialoga com a capacidade de construção imagética do ser humano, só que dessa vez indo para o campo da tecnologia. Aqui, entramos em contato com

chips, cabos, portas de entrada, hardwares, softwares, componentes, LEDs, eletromagnetismo e outras coisas nerds. No viés tecnológico, possuímos o maior índice de afastamento da humanidade.

São apenas quatro possibilidades que apresento como caminhos para uma hibridização de um corpo humano com algum elemento externo ou um completo abandono do homo sapiens sapiens, vai de quem quer executar ou presenciar esse experimento.



As espécies do grotesco, as suas formas de expressão, podem ser consideradas como formas de apresentar uma parte do universo do grotesco, resumidamente. O gênero, por sua vez, preocupa-se com a forma como isso ocorre, o seu meio de propagação, seja material ou imaterial. É im-

Figura 21: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2020. Fonte: Arquivo pessoal.

portante destacar que as diferentes espécies presentes no grotesco não são excludentes, e que muitas vezes elas se combinam e se misturam em contextos de arte e na cultura em geral. O importante é compreender que o grotesco é uma forma de expressão heterogênea, fluida, dissidente que rompe com a ordem estabelecida e que pode ser utilizada tanto para questionar a sociedade e seus valores como para criar novas formas de expressão artística.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.



Figura 22: Spotify. Código Spotify - Complainte: Lamento, Deqing Wen. 2023. Fonte: Spotify.

## o nascimento do corpo catastrófico.



Figura 23: Yuri Martins. Era para eu escrever algo feliz, mas não consigo. Fotoperformance. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Ele nascia em um hospital de esquina. Um hospital qualquer. Não haveria outro caminho para ir. As pessoas da vizinhança diziam que era um hospital pouco movimentado. Porém, naquele dia, o fluxo era diferente. O relógio marcava 15:29 e sua mãe suava. Finalmente, após muito esforço, ele nasceu às 15:30, em ponto. Naquele instante, o movimento do mundo acabou. As folhas das árvores pararam de cair. Os pássaros congelaram no ar. Os olhos de algum Ian por aí pararam de piscar. Todos

ao redor do nascido não podiam se mexer. O semblante de desespero tomava conta daquele pequeno corpo. Era confusão. Era solidão. Era inquietação. Pobre garoto. Mal havia nascido e já estava só. Passaram-se 33 segundos e um corvo adentrou o quarto daquele hospital. Em suas penas, douradas e reluzentes como a lua cheia de uma noite qualquer, trazia-se esperança. Em seu bico, carregava-se quantidade suficiente de comida para apenas uma noite em claro. Repito, apenas uma noite. Aproximando-se do nas-

cido, o corvo, como uma doce e cuidadosa mãe, alimentou a sua prole. Após a deliciosa refeição, o animal voou pela janela afora e só apareceu no outro dia. No outro dia, novamente, entrou no quarto com quantidade considerável de alimento para uma noite em claro. Aproximou-se do nascido e, como uma mãe, alimentou a sua prole. O processo perdurou por dias, semanas, meses e anos. Ninguém, algum dia, poderia explicar o motivo de tudo isso ter acontecido, tampouco a sorte que o nascido teve ao se manter vivo por tanto tempo. Com 3 anos, 3 meses e 3 dias de vida, a criança parou de receber a visita daquele corvo que o mantinha vivo e alimentado. De alguma forma, ele já era capaz de se virar sozinho. De alguma forma. Quem disse isso? Eu não sei. Por ter vivido 3 anos, 3 meses e 3 dias acoplado a uma cama de hospital, foi incapaz de desenvolver seus membros superiores e inferiores, tampouco suas funcionalidades. Os membros existiam, mas não para algum propósito funcional. Não restavam muitas opções. A jovem criança balançava de um lado para o outro e com êxito, caía ao chão. Um som estrondoso ecoava ao longo daquele quarto. Algo precisava ser feito, certo? Alguém precisava sobreviver. De forma instintiva, aquele pequeno ser humano, se é que poderíamos chamá-lo de ser humano, rastejava pelos azulejos brancos da sala daquele extenso cômodo de hospital, tal qual uma desajeitada lagarta-cachorrinho. Ao rastro daquele trajeto, uma secreção verde musgo era impregnada e misturada ao branco eugenista do local. O trajeto era

longo e o desenrolar do rastejar era torturante. A aderência do corpo com o chão era excessiva. O atrito causava inúmeras feridas. Em conjunto com a secreção esverdeada, quantidades significativas de sangue eram deslocadas daquele pequeno corpo e escorriam para uma trilha que levava a lugar algum. Após muito rastejar, o infeliz conseguiu alcançar um pequeno quarto de mantimentos. Não havia muita variedade de substâncias, mas, naquele momento, era o suficiente para sobreviver por mais três noites em claro. Sem hesitar, aquele pequeno corpo fez uma série de malabarismos e finalmente conseguiu alcançar os alimentos que estavam no local, mesmo aqueles que estavam presos em armários de alturas inalcançáveis. Tudo foi derrubado ao chão, sem qualquer exceção. Os potes de vidro quebraram. As embalagens de plástico rasgaram. Os líquidos das garrafas vazaram. O ambiente virou uma zona. Um exímio chiqueiro. Desesperado, o faminto não se conteve. Partiu para cima daquilo que apenas conseguia enxergar com a sua barriga, parte baixa de um corpo tão baixo quanto. A ânsia era tamanha que pouco se importou com os diversos fragmentos de vidro que impregnavam o alimento que poderia nutri-lo. Não se importou, mandou para dentro. Enquanto se rastejava para perto das quantidades mais volumosas de alimento, comia o que rondava o seu corpo. No entanto, aquelas pequenas quantidades já interferiam na sua integridade. Os pequenos pedaços de vidro entravam por sua boca, eram mastigados por seus mola-

res e eram desfeitos em unidades menores ainda. Por serem altamente pontiagudos e cortantes, mutilavam a sua língua, dilaceravam o seu palato e desciam por seu sistema digestivo, rasgando a sua faringe. Pequenas, mas significativas hemorragias eram causadas em seu pequeno sistema humanóide. Pobre carcaça de carbono. Nasceu sozinho. Cresceu torto. Lutou desamparado. Como um coitado, teve o azar de nascer em situação pior que a de um animal. Corrijo-me: pior que um animal, teve o infortúnio de algum dia ter nascido. Não como um porco alucinado, mas quase como um, comia a lavagem de alimentos que havia se formado naquele quartinho de mantimentos. As pequenas hemorragias aumentavam gradativamente e, aos poucos, começavam a escoar pela boca. Já não era mais possível distinguir a coloração dos alimentos. Tudo era vermelho. Apenas vermelho. Igualmente, já não era mais possível distinguir o sabor dos alimentos. Tudo possuía gosto de ferro. Apenas ferro. A saciedade ia chegando, ao passo em que novos machucados eram alocados naquele pobre corpo fragilizado. Não demorou muito e a refeição havia terminado. Não sobrou um pedaço sequer de alguma coisa. Foram necessárias 3 horas, 3 minutos e 3 segundos para que alguma consciência fosse recordada, tamanha foi a euforia. Nos pulmões daquele dejetado em formato de humano, o ar entrava com grande dificuldade. Em uma inspiração difícil, pesada e sobrecarregada, um incômodo e estridente som era emitido por algum órgão que era impossível identificar.

Da mesma forma, ao expirar, o ar que saía dos pulmões era emitido de forma compassada, como em um ritual de uma quase morte. Após a recuperação, a jornada precisava continuar. O alimento já havia sido engolido e um novo propósito precisava ser encontrado. Continuou a rastejar caminho a frente. Seguindo um caminho desconhecido e catastrófico.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.

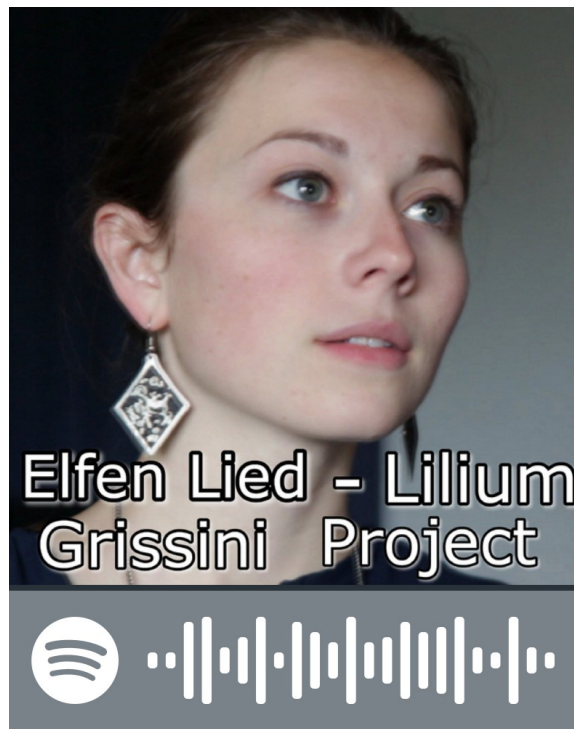
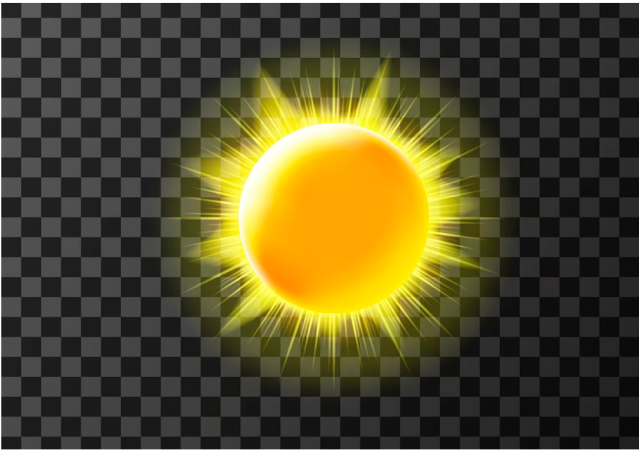


Figura 24: Spotify. Código Spotify - Lilium, Grissini Project. 2023. Fonte: Spotify.



**FOTOPERFORMANCE IS MY**

**PASSION :D**



fotografia + fotoperformance = fotoperformance?



Figura 25: Yuri Martins. Você ainda me desejará quando eu estiver chorando? Fotoperformance. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

O que aconteceria se colocássemos a fotografia em conjunto com a performance em um Mini Processador Philco Inox Glass PPS01I? Há quem diga que como produto obteríamos a fotoperformance. Já outros diriam que isso um dia sequer poderia acontecer, afinal, fotografia é fotografia e performance é performance, e as duas coisas não poderiam se juntar. No final, acredito que os nossos questionamentos poderiam começar por outro caminho: o que diabos quer dizer, significa e representa cada uma dessas três palavras?

Começemos com calma. Começemos do início. Começemos pela performance.

De forma geral, a performance é um campo da arte de difícil compreensão, pois não possui definições tão congruentes ou um conceito fechado que elucide de forma objetiva o que essa ramificação artística tem como possibilidade de proposição. Inclusive, essa é uma das premissas da performance, não se prender ou ser refém de uma conceituação engessada e padronizada. Todavia, se fizermos uma rápida pesquisa pela

internet e um pequeno esforço mental em relação à palavra, conseguiremos obter alguns bons significados norteadores para um mapeamento inicial. Alguns deles são: desempenho, atuação, feito, apresentação, execução de algo ou alguma coisa e afins. Enfim, todos esses significados são embasados no sentido de uma ação, de uma execução feita por um corpo em um espaço e em um tempo. Você que está lendo, guarde todas essas informações e impressões, pois elas são e serão úteis para o processo de compreensão do termo. Continuemos. Por exemplo, ultimamente, tem sido bastante comum ouvir a palavra performance no contexto do mundo trabalhístico, em que determinado empregado deve entregar certo “nível de performance” para determinada função ou atribuição designada por seu contratante. No entanto, a performance também está presente em outros contextos de estudos e diálogos (antropológico, filosófico, linguístico etc.) e em especial, o artístico. Aqui, focaremos nele, ainda que de forma não tão ampla.

De acordo com Cohen (2002), a performance é “antes de tudo uma expressão cênica”. Para o autor, para que ocorra uma performance, é necessário que algo esteja acontecendo em um local e em um determinado tempo, sendo a interação de uma ação com o espaço-tempo. Logo, um vídeo rolando em uma tela ou um quadro exposto em uma parede qualquer não seriam enquadrados em tal movimento, uma

vez que em ambos os exemplos estaria em desfalque a “ação”. Entretanto, se pegarmos o exemplo do vídeo acima e modificarmos um pouco a sua essência, conseguimos obter possibilidades performáticas. Seguimos. Imagine que em frente à tela responsável por captar a projeção de vídeo há um homem e esse homem faz o passinho do romano,<sup>9</sup> mesclando a sua movimentação com os feixes de luzes que penetram cada parte daquele corpo cheio de remelexo. Aqui, a performance não aparece, necessariamente, por conta de toda essa “frufuzada conceitual” que eu inventei em cima do audiovisual do exemplo, mas, sim, por eu ter acrescentado a ação que faltava na historinha. Para Cohen (2002), a performance não acontece por meio de um objeto estático e sem vínculo com uma proposição maior, é necessário ação.

Como movimento artístico, a performance nasce por volta de 1960 - 1970 (período de transição a partir do happening), sendo uma possibilidade artística experienciada e vivenciada pelo corpo (podendo ele ser o corpo humano ou não), carregando consigo alto teor político, desafiando padrões artísticos tradicionais e explorando questões relacionadas ao corpo, presença e interação com o público. Assim, ainda segundo Cohen (2002), a performance nasce como um desdobramento das artes plásticas e se sustenta como um caminho para as artes cênicas, viabilizando uma transferência de olhar que antes era

9 Estilo de dança que surgiu no Jardim Romano, bairro da periferia da Zona Leste de São Paulo. Sua origem vem da criação do dançarino Magrão em cima de uma música lançada por MC Bruno IP em homenagem ao bairro.

direcionado para a criação e passando para o criador e o ato de criar. Portanto, torna-se uma grande fronteira resultante entre a interação das artes plásticas e das artes cênicas, apoiando-se em elementos desses dois campos capazes de construir as poéticas performáticas almeçadas. Além dos dois eixos artísticos citados, é válido citar o fato de que a performance também abre possibilidades de ser construída a partir da mescla e reverberações de outras manifestações artísticas como a dança, audiovisual, artes circenses e afins, o importante é ousar e se jogar na criatividade e no que o corpo julga como necessário para a composição dessa arte efêmera.

Ainda parece meio confuso essa gigantesca amálgama, certo? Vamos para um exemplo prático e que aconteceu em minha vida. Ao final do curso de Licenciatura em Dança na UFG, os discentes, nas disciplinas de Ateliê de Criação I e II, precisam idealizar, dirigir e apresentar um “espetáculo” de conclusão de curso como forma de computação de nota e aprovação futura na graduação. Dentro dessa experiência dividida em dois semestres, digamos que no curso há uma forte flexibilidade de criação dentro das artes cênicas e eu, Yuri Martins, decidi criar um espetáculo solo de performance, explorando pontos artísticos calorosos ao meu corpo como a dança, audiovisual, música, stand up, artes visuais e um pouquinho de teatro, se a galera do teatro me permitir falar que aquilo foi digno de alguma teatralidade, aquelas. Desde o início de meus processos criativos, coloquei em

mente que abordaria em meu trabalho final temas de meu interesse e que, intencionalmente, possuem certo valor político, sendo eles: estética grotesca, (meu) corpo queer e cultura nonsense. Assim, eu já tinha um ótimo ponto de partida. Da mesma forma que a performance se preocupa em tecer caminhos e propostas de programas de cunho político, eu carregava comigo temas pertinentes que causavam a minha aproximação com o mesmo movimento. Os dias e meses foram passando e o trabalho foi tomando corpo. No final, como um genitor, eu consegui dar à luz a uma montagem cênica em formato de espetáculo denominado “Homem Camundongo Narcisista”, dividido em quatro partes:

1º ato - Interação musical com o público: Momento de interação, em formato de um a um, com os convidados que foram apreciar o espetáculo. Interação marcada pela apreciação de músicas grotescas, causando desconforto, vergonha, raiva e estranheza.

2º ato - Talk show: Momento de dança improvisada, falação esquizofrênica e stand up, promovendo interação e conectividade entre os espectadores e o performer. Acontece também exposição de audiovisual grotesco.

3º ato - Apresentação no banheiro masculino: Momento de dança coreografada que acontece no banheiro masculino.

4º ato - Exposição de lambes nos banheiros do teatro: Exposição com matérias dos jornais Lampião da Esquina e Chanacomchana.



Figura 26: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.  
Fotografia por Dani Bettini. 2023.



Figura 27: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.  
Fotografia por Dani Bettini. 2023.



Figura 28: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.  
Fotografia por Dani Bettini. 2023.



Figura 29: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.  
Fotografia por Dani Bettini. 2023.



Figura 30: Yuri Martins. Homem Camundongo Narcisista.  
Fotografia por Dani Bettini. 2023.

Tá, Yuri, por que essas informações? Bom, essas informações são para te falar sobre o poder que a performance tem de mesclar as diversas manifestações artísticas. Ao longo dos quatro momentos da performance “Homem Camundongo Narcisista” houve dança, teatro, stand up, exposição de lambe (artes visuais), música e exibição de audiovisual. Uma grande mistura de um monte de coisa, mas uma mistura organizada.

A performance utiliza uma linguagem de soma: música, dança, poesia, vídeo, teatro de vanguarda, ritual... Na performance o que interessa é apresentar, formalizar o ritual. A cristalização do gesto primordial (...). teatro, vídeo e filmes são empregados, mas nenhum deles como forma única de expressão pode ser considerado performance. Isso é típico do ideal pós-moderno, que erradica disciplinas categoricamente distintas. (COHEN, 2002, p. 50)

Fora isso, a performance que construí teve como um dos objetivos abordar politicamente, através do meu corpo, questões de gênero e de abjetividade, algo que não está muito distante das temáticas trabalhadas ao longo desses capítulos.

Ainda está confuso? Precisa de mais uma definiçõzinha do que é performance? Segura aí. Marina Abramović — grande nome para o universo da performance, com produções extremamente notáveis para o seu campo de investigação artística e servindo de referência para outras ver-

tentes — em palestra realizada em 2015 para o TED Talks, assume a performance como “uma construção física e mental que o artista executa num determinado tempo e espaço, na frente de uma audiência. É um diálogo de energia, em que plateia e artista constroem juntos a obra”. Novamente, é possível verificar na fala de Abramović as relações entre o corpo, o fazer e a arte, em que nesse universo a execução é predominantemente mais importante e valiosa do que a obra, ou melhor, a obra torna-se a ação.

Dialogar sobre performance é abrir caminhos para inúmeras discussões. Como mencionado anteriormente, o termo performance não se limita e tampouco deve se limitar ao universo das artes. Há muito pano para uma única manga. Assim, o meu objetivo aqui, claro, não é esgotar os possíveis diálogos que podem aparecer quanto à definição e uso da performance. Ofereço, por meio das palavras aqui escritas, um pequeno apanhado de algumas informações que serão úteis para a construção e compreensão da nossa amada fotoperformance, e sua ligação com os demais eixos temáticos apresentados ao longo dos capítulos.

Tá bom, chega de falar sobre performance, certo? Agora, vamos para a fotografia, afinal, o tempo é precioso, o tempo é caro e o tempo é tão rápido quanto a abertura de um obturador de câmera.

De antemão, já deixo registrado para os leitores deste blog que os meus conhecimentos em relação ao universo fotográfico são, majoritariamente, baseados

em experimentações e experiências com câmeras de celulares em registros de momentos especiais, capturas de selfies e produções de fotoperformances e além de, claro, as apreciações ao longo da minha vida. Assim, tal vivência acaba sendo algo mais amadora e recreativa, com exceção dos trabalhos fotoperfomáticos, afinal, já tive publicação de ensaio em revista e aprovação de portfólio de fotoperformances em lei de incentivo à cultura. Confesso ainda que possuo pouca compreensão a respeito da história da fotografia, seus procedimentos técnicos e desdobramentos sociais em nosso cotidiano. No entanto, farei grandes esforços para que o assunto seja abordado de forma tranquila e elucidativa, construindo um percurso de pensamentos que seja efetivo e positivo para a nossa discussão.

Parando para pensar, a minha interação com os aparelhos que capturam imagens nem sempre foi tão satisfatória ou aconchegante. Lembro que há uns anos, eu evitava tirar fotos do meu corpo e optava quase sempre para o registro de um exterior, descentralizando a minha existência física e imagética. Eu costumava tirar fotos de animais, paisagens, outros corpos, mas nunca de mim. Recordo-me, inclusive, que há uns anos tive uma desconfortável discussão com um antigo ex por motivos de eu não querer tirar uma selfie com ele. Foi osso. Possivelmente, isso aconteceu por eu não ter autoestima suficiente para suportar o peso da minha própria existência. Por sorte, ou até mesmo por persistência, os anos foram passando e eu fui dando mais abertura para as selfies. Menina, como

elas eram horríveis. Horrendas. Um verdadeiro atentado aos olhos de quem presenciava tamanho desprazer visual. Meu nariz ficava gigante, os olhos se mostravam esbugalhados e, às vezes, eu parecia com o próprio meme “saturada”, enfim, uma tragédia. De alguma forma, eu não sabia manipular a câmera do celular e eu saía horrível nas ima-



Figura 31: Yuri Martins. O homem sem talento. Fotoperformance. 2020. Fonte: Arquivo pessoal.

gens. Eu não sabia utilizar os ângulos, iluminação, enquadramentos, nada. Inclusive, esse processo de eu começar a me enfiar no universo das selfies e já me sentir frustrado de início, foi bem ruim. Mais um tempo se passou e, com mais persistência e vontade de não ser chacota, eu comecei a dominar melhor as técnicas do registro fotográfico. Não me pergunte termos técnicos, sei de pouquíssimos, o meu conhecimento está muito mais amparado na experiência/experimentação do que na teoria. Inclusive, aqui reforço o pensamento de que a prática também é extremamente essencial e em alguns momentos, é o melhor caminho a ser seguido. Não há problema algum em começar uma investigação pela prática, afinal, as descobertas são plurais e únicas, cabe apenas a você analisar e ter ciência de qual trajetória é a mais viável e saudável. E se não souber, está tudo bem também. No final, ninguém sabe o que está fazendo. Por eu ter desenvolvido mais familiaridade com a câmera, comecei a dar maior abertura às fotografias e às fotoperformances, mas não me prolongarei sobre esse assunto nesse momento, guardarei para depois. Voltemos para a fotografia.

Hoje em dia, torna-se difícil olhar para o lado e encontrar alguém que não saiba o que é uma foto, uma fotografia. Claro, isso está baseado no contexto social, econômico e histórico no qual eu estou inserido. Talvez encontremos com mais facilidade alguém que ainda não tenha manipulado um aparelho fotográfico ou, até mesmo, alguém que não tenha sido “capturado” e

“impresso” em uma imagem. Em decorrência da grande evolução e proliferação do uso dos celulares, o acesso às fotografias tornou-se mais amplo e viável, penso eu. Ter uma câmera fotográfica em casa, sendo ela profissional, semiprofissional ou iniciante, ainda é uma questão de poder. Afinal, dinheiro não é mato e digamos que a utilização deste aparelho seria exclusivamente para este fim. O que difere dos celulares, pois eles carregam consigo inúmeras possibilidades de utilizações diferentes. É possível jogar, assistir vídeos, ler livros, cuidar da vida dos outros e mais um montão de outras coisas. Assim, é comum que a noção de fotografia seja compreendida por uma grande parte do público que nos rodeia, mesmo que de forma mais cotidiana e despreziosa, graças ao forte acesso aos smartphones e à ascensão da tecnologia.

De forma generalizada, as fotografias proporcionam uma infinidade de finalidades. É possível registrar um momento especial, documentar algum acontecimento, capturar a nossa própria imagem para expor nas redes sociais e provar ao Lucas que você é mais gostoso do que ele, “eternizar” uma vista de um pôr do sol e, até mesmo, originar ou contribuir para a composição de um objeto artístico. Em suma, a finalidade da fotografia vai depender de inúmeros fatores, afinal, o seu uso e significado estão intimamente relacionados aos desejos de quem faz o registro, da existência daquilo que é capturado, da interação entre esses dois agentes e, também, dos códigos impressos em determinada sociedade pre-

sente em determinado tempo. O que isso quer dizer? A depender de fatores externos e da relação estabelecida durante o processo de captura, a fotografia pode ter maior inclinação para um fim do que para outro. Assim, desde o surgimento da fotografia por volta de 1840, o entendimento acerca dela passou por incríveis mudanças, como é posto por Lemos (2019) ao afirmar que em um primeiro momento, a fotografia era fielmente atrelada à representação de um real pré-existente, mantendo-se honesta para com os valores de neutralidade e objetividade fotográfica. Em outras palavras, o povo bitolava horrores para ter na fotografia aquilo que era visto pessoalmente com os olhos, do mesmo jeitinho. Da mesma forma, não havia muita inclinação para um olhar mais sensível para a fotografia. Só que, felizmente, foi coisa do momento, pois:

Com os avanços tecnológicos, os fotógrafos encontraram novas possibilidades de criação e se apropriaram da sua capacidade criativa na produção da imagem. Surgem então novas concepções estéticas que possibilitaram questionar esse caráter de verdade e de representação de uma realidade pura atribuída à fotografia, bem como seu aspecto unicamente material. (LEMOS, 2019, p. 26)

E depois disso veio muita fritação. Com a fotografia se distanciando de uma função de capturar a realidade e se aproximando de outras propostas de olhares, ela passou a

ser utilizada de outras formas. A fotografia que servia para documentar/registrar passava a se empoderar e assumir um próprio CPF. Em outras palavras, anteriormente a foto capturava a existência e posteriormente virava a própria existência. Assim, André Rouillé afirma que “A fotografia nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar” (2009, p.77 apud LEMOS, 2019, p. 25). Ou seja, a fotografia é algo maior do que apenas um registro, afinal, ela carrega consigo o poder de transformar uma realidade “capturada”, operando em uma construção de novas realidades, realidades artísticas que são lotadas de inúmeras possibilidades de compreensão e apreciação. É como se fosse aquela famosa representação visual da dispersão da luz branca em um prisma de cristal.

Além das interferências posteriores ao registro fotográfico, com as diversas relações estabelecidas por quem irá obser-

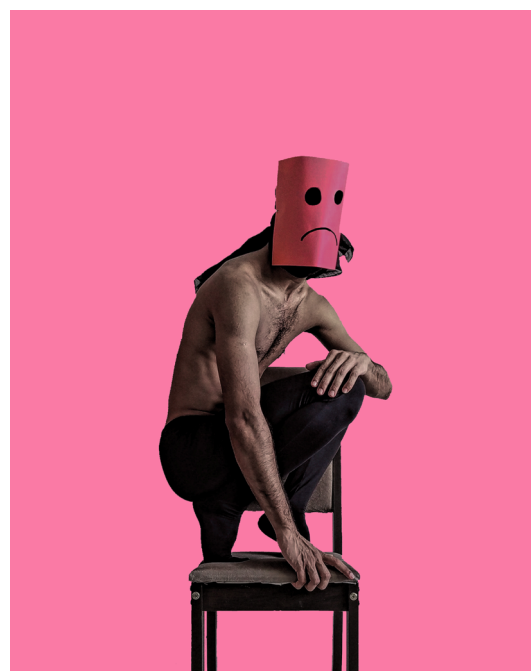


Figura 32: Yuri Martins. Eu florescerei além da primavera. Isso é uma promessa. Fotoperformance. 2020. Fonte: Arquivo pessoal.

vá-lo, há também as intervenções criativas que são colocadas antes, durante e após o ensaio. Existe a escolha de um local, o arranjo de objetos no espaço, a busca de uma luz adequada, o uso de um figurino específico, a organização de um enquadramento, a interpretação de um corpo e as configurações visuais em cima da fotografia bruta. Todas essas modificações implicam no fato de que a fotografia não se constitui como concreta ou precisa, como coloca Lemos (2009). Deste modo, os processos performativos e interventores que acompanham o processo fotográfico contribuem para com o deslocamento da fotografia documental para outros ambientes, como o da fotoperformance. Já não é mais sobre capturar a performance, mas, sim, hibridizar a fotografia na performance e a performance na fotografia, distanciando-se do documento e incorporando um meio específico de representação performática, sem que haja qualquer tipo de subordinação ou inferiorização entre as duas linguagens.

O registro documental em fotografia remete a um trabalho que lhe é exterior, enquanto que na linguagem da fotoperformance ela própria é a obra. Não prescindindo de uma performance presencial para existir, a fotografia é o suporte da performance. Nesse caso a imagem não se faz presente como documento, ela é integrada à própria concepção do trabalho. Assim, a performance implica o registro visual no próprio processo de produção, sendo a imagem registrada o trabalho em si. (NEVES, 2013,

p. 42)

Desta forma, a fotoperformance surge como uma proposta autônoma de arte. Nasce a partir do encontro da fotografia com a performance, mas é constituída como um universo único e exclusivo. Um universo que combina a estaticidade da fotografia com a fluência da ação performática, originando uma obra de arte que será o seu próprio fim em um momento posterior ao da ação. Em um outro olhar, é como se a ação performática fosse capturada, colocada em um tanque criogênico durante o processo de captura fotográfica e, posteriormente, descongelada através do encontro da fotoperformance com os receptores sensoriais de quem irá presenciá-la.



Figura 33: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2020. Fonte: Arquivo pessoal.

Sendo assim, a partir do que foi exposto ao longo desse subcapítulo, podemos apresentar de forma resumida a per-

formance, a fotografia e a fotoperformance da seguinte maneira:

- Performance: É uma arte ao vivo na qual o artista se apresenta para um público em algum lugar específico e por um tempo determinado. Na performance, acontece ação, movimento, gestos, corpo sendo expressado, vocalização e outras paradas interativas entre o artista e a galera ou o ambiente, previamente elaborados. É baseado no ato momentâneo e não deixa nenhum registro físico para depois, saca? Além disso, a performance tem capacidade de explorar uma pá de assuntos, conceitos e estilos diferentes, e muitas vezes quebra todas as regras tradicionais da arte, levando a sério o conceito de arte política.

- Fotografia: É a prática de capturar imagens estáticas usando uma câmera ou outro dispositivo fotográfico, como smartphones. É um meio artístico e técnico que envolve a composição visual, o jogo de luz e sombra, a escolha de enquadramentos e a manipulação posterior da imagem por meio do processo de revelação ou edição digital. Nasce com a proposta de capturar a realidade de forma fidedigna e documental, mas evolui para possibilidades mais artísticas e ligadas à criação de novas realidades.

- Fotoperformance: É uma hibridização entre a fotografia e a performance. Nasce por meio das artes plásticas e se apoia em conceitos das artes cênicas, habitando o entre presente nessas duas vertentes artísticas. Nesse tipo de manifestação, os artistas criam uma performance ao vivo que é

registrada através da fotografia. Assim, os fotoperformers incorporam elementos visuais, narrativos e conceituais em sua performance e utilizam a câmera como uma ferramenta para capturar momentos-chave ou cenas significativas. O resultado é uma imagem fotográfica que representa a ação e a expressão artística da performance. A fotoperformance permite que os artistas combinem a espontaneidade e a energia da performance ao vivo com a capacidade de documentação e composição visual da fotografia. É uma forma de expressão artística híbrida que busca transmitir uma narrativa ou conceito visualmente impactante e reflexivo.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.



Figura 34: Spotify. Código Spotify - Paparazzi, Girls' Generation. 2023. Fonte: Spotify.

três fotoperformances ou um presente misterioso?



Figura 35: Yuri Martins. Deitei-me com muitos, mas sempre dormi sozinho. Fotoperformance. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Retomando o subcapítulo anterior, a fotoperformance é um tipo de arte que utiliza princípios da fotografia e da performance, surgindo como uma hibridização entre uma e outra. A fotoperformance

acontece por uma combinação entre essas duas linguagens, não se prendendo à uma das duas e tampouco colocando uma como mais importante que a outra, afinal, ambas são vistas como importantes para a com-

posição do universo da fotoperformance. Além disso, nesse tipo de manifestação, o corpo do artista é utilizado como objeto central da criação, explorando-o em conjunto com elementos visuais e conceituais presentes na fotografia. O corpo pode não estar no centro da imagem criada, pode não ser apenas ele em cena e pode não ser o corpo inteiro do artista, mas é importante ter um corpo como causador da ação performática. “Embora o objeto artístico configure-se como imagens fotográficas, este está centrado no corpo da artista, que no momento da captura da imagem esteve a performar diante da câmara.”, explica Neves (2013, p. 42). Dessa forma, as encenações performáticas que acontecem no momento da produção são utilizadas para a criação de cenas ou composição de um trabalho fotoperformático avulso, dependendo das necessidades do artista. É importante ressaltar que em relação às encenações performáticas, há a possibilidade de uma criação prévia, sendo ela imaginada ou imaginada e ensaiada pelo executor, ou também, a improvisação no instante do registro.

A nível de exemplo, na maior parte dos meus trabalhos, eu costumo imaginar minimamente as ações que irei executar e improviso o restante, de acordo com as emoções e desejos que vão surgindo durante o registro fotográfico. Gosto de pensar que na fotoperformance terá uma perna ou um braço, em determinada altura ou em outra, contorcido ou um pouco mais reto, mas a movimentação realmente só surge no mo-

mento do registro, a partir da improvisação e experimentação. Afinal, o meu objetivo é transmitir uma narrativa visual que cause impacto no espectador, a partir da combinação da fotografia com a expressão da minha ação performática. Para mais, é comum que os artistas fotoperformáticos utilizem recursos e elementos cênicos na composição de suas cenas como figurinos, maquiagens, máscaras e cenários, aumentando a possibilidade de uma construção poética de imagem. No meu caso, eu gosto de pensar bastante nos adereços e figurinos que irei utilizar durante a captura da fotografia e, costumo pensar no cenário apenas no decorrer da edição com o uso de softwares. Exemplo de um antes e depois:

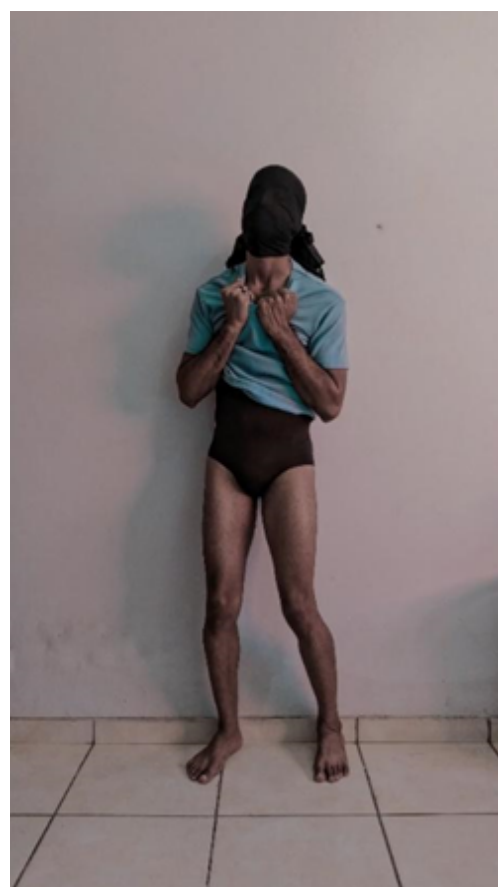


Figura 36: Yuri Martins. Fotografia matriz para fotoperformance. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 37: Yuri Martins. Fotografia editada no Photoshop. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.



Por eu ter mais afeição com a colagem na fotoperformance, costume não me preocupar com o cenário, uma vez que tenho em mente que ele será inserido posteriormente de forma digital. A minha única preocupação acaba sendo em ter um ambiente minimamente limpo e com cor chapada para facilitar os futuros recortes. No exemplo acima é possível observar que na figura da esquerda (já editada previamente) há como “cenário” apenas uma parede branca de um quarto da minha casa. De forma proposital, esse ambiente foi escolhido porque a parede é branca e facilitaria o meu trabalho na hora de recortar o meu corpo da fotografia original. Assim, é possível observar também que na imagem da direita já contém o cenário que foi anexado por meio do programa de edições Adobe Photoshop. Como afirma Lemos (2019) e Cotton (2010), o processo criativo da foto-

performance é regido por esforços que são realizados unicamente e diretamente para o fim na fotoperformance, com todos os empenhos direcionados para a produção da imagem final. Por a fotoperformance ter essa característica de reunir inúmeras funções criadoras, é comum que haja uma equipe por trás das composições como um fotógrafo, um performer, um cenarista, um editor, um diretor e afins. No meu caso, e no caso de muitos outros fotoperformers, todas essas funções são executadas por uma só pessoa, um só artista.

Já que começamos a falar sobre outros artistas que trabalharam com fotoperformances, é importante citar alguns deles que são considerados como pioneiros dentro dessa arte.

Lemos (2019), em encontro com os estudos de Rouillé (2009), Glusberg (2013) e Vinhosa (2014), identifica alguns artistas

que contribuíram para o nascimento da fotoperformance ou são considerados como um dos nomes fundadores, sendo eles Rudolf Schwarzkogler, Yves Klein e Helena Almeida.

Rudolf Schwarzkogler (1940 – 1969) foi um artista que buscava desafiar as convenções sociais e artísticas através de suas performances. Assim, suas obras abordavam temas como corpo, identidade, violência e sexualidade, com cenas bem impactantes (haja pênis rs). Além disso, seu legado e influência na arte conceitual persistem, sendo Rudolf considerado como um dos precursores da fotoperformance, afinal, em 1965 começou a direcionar os seus trabalhos performáticos para o aparelho fotográfico, descentralizando a performance que já desempenhava para o público ao vivo e aproximando da performance para a câmera, possibilitando a origem de uma nova arte, alega Lemos (2019).



Figura 38: Rudolf Schwarzkogler. Aktion 3. 1965. Fonte: Tópico Especial Video-Arte.

Yves Klein (1928 – 1962) foi um artista francês que explorava a arte da performance. Guardava consigo bastante interesse por cores monocromáticas e mágica e, inclusive, essa trucagem aparecia em seus trabalhos. Em 1960, realizou uma performance direcionada para a câmera, com o auxílio do fotógrafo Harry Shunk. Vinhosa (2014), inclusive, afirma que essa pode ser considerada como uma das primeiras fotoperformances já criadas. Assim, sua obra intitulada “Leap Into the Void” ou Salto no Vazio (aqui no BR), foi uma experimentação em que Yves se atira de um prédio em direção ao chão. Vinhosa (2014) afirma que Salto no Vazio pode ser considerada uma das primeiras fotoperformances, pois, ela foi pensada diretamente para a fotografia. Uma outra informação bem interessante para o trabalho de Yves é que a obra final, a fotoperformance, é uma montagem, uma edição, pois, havia uma lona que servia de amortecimento para aquela queda e que foi apagada.



Figura 39: Yves Klein. Leap into the void. 1960. Fonte: Arteref.

Helena Almeida (1934 – 2018) foi uma artista portuguesa que em seus trabalhos dialogava com a fotografia, desenho, performance e pintura. Lemos (2019), afirma que as obras de Helena configuram também como uma das primeiras produções em fotoperformance, pois, elas dialogam com a expressividade performática pensada e direcionada para a câmera. Além disso, uma característica das obras de Helena que chamam a minha atenção é o fato de a artista ser o centro de suas produções fotoperformáticas, sendo ela o centro de seus autorretratos. Fora que a bicha passava uma vibe bem intimista e até melancólica em suas obras. Eu amo.



Figura 40: Helena Almeida.  
Tela Habitada. 1976. Fonte:  
Gulbenkian.

Notinha cis: Lembrando que os nomes citados aqui são apenas alguns exemplos de artistas que começaram a trabalhar em cima da fotoperformance, ou da performance voltada para a câmera. É claro que além dos três artistas apresentados neste trabalho, há muitos outros serezinhos que se jogaram nesse universo. Alguns podem ter sido, de fato, os primeiros e/ou mais importantes para a história fotoperformática, no entanto, torna-se complicado trazer dados com extrema precisão, uma vez que o conceito “fotoperformance” é novo, não sendo possível apontarmos uma data precisa de surgimento e acolhimento pelos artistas. Além disso, há muitos outros nomes que os artistas utilizam para se referir às fotoperformances como foto-performance, fotografia performática, fotografia artística, fotografia encenada e afins. Portanto, a fotoperformance é um conceito novo e nem sempre é utilizada ou absorvida por aqueles que a executam.

Deste modo, é possível perceber que as fotoperformances começaram a surgir, ou ser consideradas como tal, por volta das décadas de 60 e 70 em decorrência da fotografia contemporânea atrelada a arte conceitual, como afirma Cotton (2010). Portanto, essas experimentações que aconteceram nesse período foram fundamentais para a concepção do que entendemos e visualizamos atualmente como fotoperformance, pois, os artistas dessa época optaram por percorrer novos caminhos no universo da performance, centrando a ação

do corpo para a fotografia e destinando a obra para a materialidade da imagem.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.

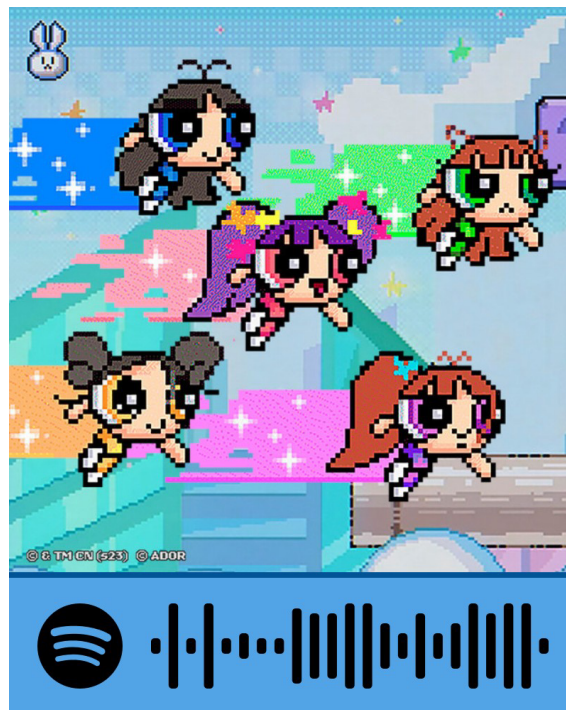


Figura 41: Spotify. Código Spotify - Get Up, NewJeans. 2023. Fonte: Spotify.

elementos, modalidades e qualidades da fotoperformance.

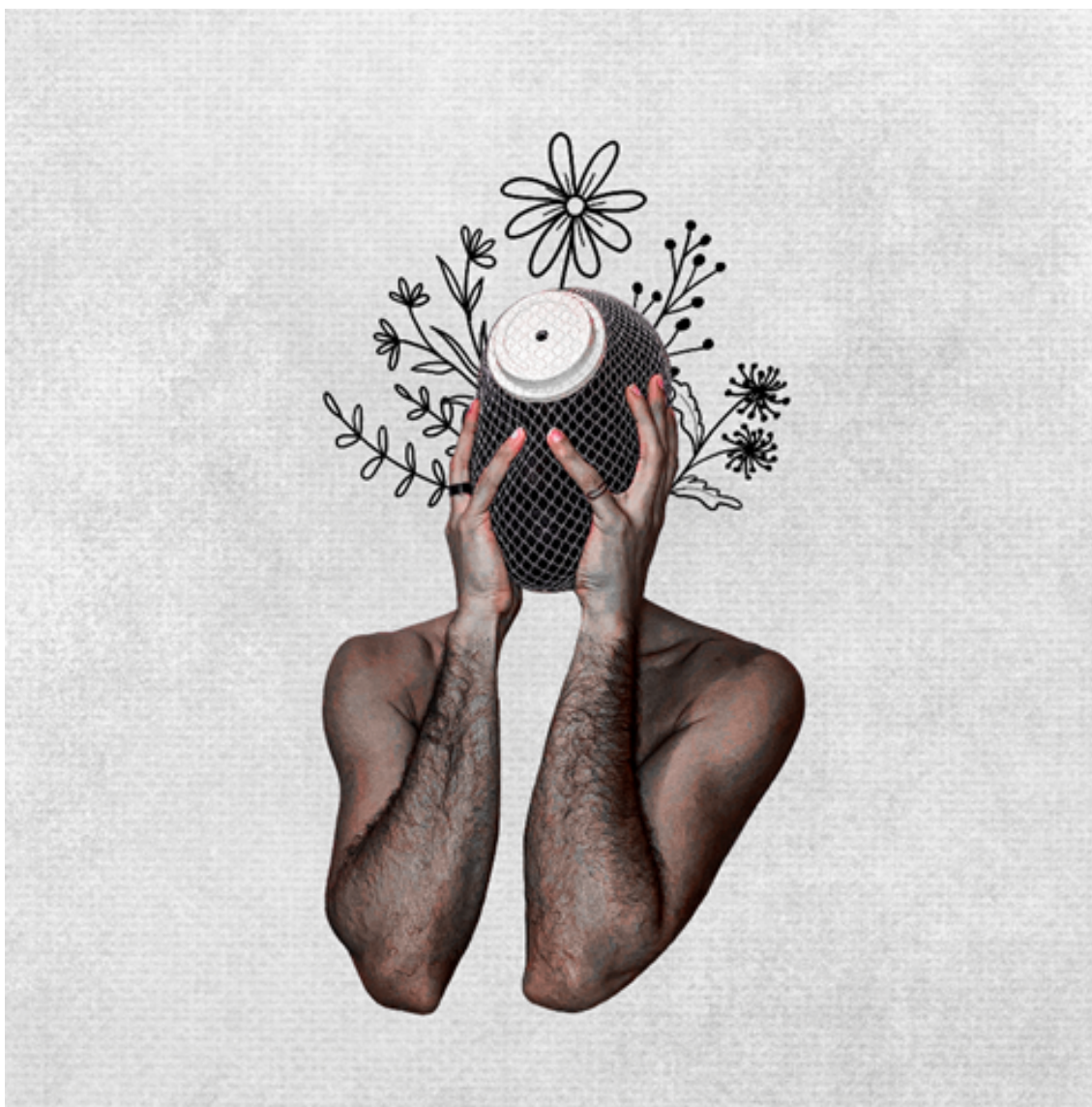


Figura 42: Yuri Martins. Tentativa número 97858 de fazer você não ir embora da minha vida. Fotoperformance. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Agora que você conheceu um pouco sobre o universo da fotoperformance, bem como sua história de surgimento, está na hora de irmos além, embarcando em uma jornada de mais explicações.

Assim como tudo nesse mundo, cada coisinha que nos cerca possui inúmeras características. Na maioria das ve-

zes, possuímos a genialidade de conseguir atribuir palavras e códigos para essas definições, mas outras vezes não. Assim, ao longo desse subcapítulo, tentarei trazer de forma elucidativa os componentes qualitativos que representam a composição de uma fotoperformance, apontando suas características, elementos e modalidades.

Afinal, nada é mais prazeroso do que obter informações para uma melhor observação de uma existência.

Segundo Lemos (2019), é possível elencar dois elementos fundadores da fotoperformance, sendo eles:

Quadro 7: Elementos fundadores da fotoperformance.

| <b>ELEMENTOS FUNDADORES DA FOTOPERFORMANCE</b> |
|--|
| O protagonismo da ação                         |
| A desconstrução da realidade                   |

Esclarecendo o primeiro elemento apresentado, podemos pensar que ele diz respeito a uma centralidade da ação na narrativa construída dentro da fotoperformance. Dessa forma, é sugerido que o foco do artista fotoperformático está direcionado para a ação que é desempenhada pelo próprio corpo em cena, ingressando em um movimento de devoção ao princípio do fazer e de afastamento da mera representação visual da obra. Isso significa que durante o processo de execução da fotoperformance, a efetivação da ação deve ser posta em primeiro plano, a fim de conseguir, no resultado, um olhar poético de uma expressividade, e não uma representação de uma fotografia “comum”. Claro, assim como afirma Lemos (2019), até mesmo nas fotografias há a presença da ação desempenhada por quem é fotografado, no entanto, nesse tipo de criação a ação é colocada em segundo plano e a representação toma o lugar principal. “Em toda fotografia existe a ação presente, no entanto, na fotoperfor-

mance, esse fazer é primordial e se mostra como um dos aspectos fundamentais da obra, sendo expresso com vigor.” (LEMOS, 2019, p. 74).

Já a respeito do segundo elemento, a autora abre discussão sobre a autenticidade do corpo presente em cena, em conjunto com a sua ação executada. Lemos (2019) expõe que no universo da fotoperformance a ação “não é nem verdadeira, nem falsa, mas se coloca em um jogo, onde a realidade é desconstruída em uma variação de códigos.” (p. 74). Portanto, a ideia de realidade na performance voltada para a fotografia toma outro rumo, um rumo que brinca com as noções de real e de falso, em uma rejeição obrigatória de um dos dois lados, mas com a aceitação de uma terceira opção, o entrecruzamento entre as partes. Essa trama acontece, pois, no momento da criação, o corpo presente dedica-se em evidenciar de forma autobiográfica uma expressividade visual, baseando-se em seu próprio corpo e não em um personagem fictício, misturando a realidade do corpo do artista com a ficção construída a partir da poética imagética.

Assim, para Lemos (2019), esses dois elementos fundadores da fotoperformance fazem parte da construção e constituição das obras deste campo artístico, fomentando um jogo baseado entre cruzamentos daquilo que é real e, ao mesmo tempo, falso e da presença de um protagonismo da ação performática.

Agora é hora de irmos para as modalidades das fotoperformances! Pensou

mesmo que isso aqui era uma bagunça e não teria uma mínima divisão? Pois é, bicho, existem “tipos” de fotoperformances e o Vinhosa (2014) vem contar para nós, apreciadores do conhecimento, quais são eles. Segundo o autor, existem diversos modos técnicos de se fazer a fotoperformance, porém, existem três tipos principais que aparecem, seja de forma individual ou mesclada, com mais frequência nos trabalhos desempenhados pelos fotoperformers, sendo eles:

Quadro 8: Modalidades da fotoperformance.

| <b>MODALIDADES DA FOTOPERFORMANCE</b> |
|---------------------------------------|
| Colagem                               |
| Montagem                              |
| Mise-en-scène                         |

**Colagem:** É uma modalidade baseada na combinação e associação de diferentes elementos visuais, como fotografias, recortes, texturas, figurinhas e outros objetos, com o objetivo de criar um trabalho final. É válido lembrar que esse modo técnico pode ser realizado tanto digitalmente, usando softwares de edição de imagem (Photoshop, Canva e amiguinhos), como manualmente, com o auxílio de tesoura, cola e materiais físicos para a composição. Nesse tipo de construção, a fotoperformance surge apenas após a execução de todos os procedimentos estéticos e poéticos em cima do material bruto.

**Montagem:** Segundo Vinhosa (2014), a

montagem “dispõe sequências de imagens em ordem espacio-temporal lógica — grande plano seguido de detalhes, por exemplo — e, não raro, as combina com legendas, induzindo à certas narrativas, ainda que não lineares.” (p. 2883). Assim, segundo o autor, essa modalidade é marcada pela composição de uma obra com mais de uma imagem, em uma distribuição lógica de sentido, e, em alguns casos, é aliada com a presença de escritas que contribuem para o entendimento poético e dramático da fotoperformance idealizada. Da mesma forma como acontece na colagem, a fotoperformance surge a partir do processo interventivo no material destinado a ser trabalhado.

**Mise-en-scène:** Por fim, a mise-en-scène representa o produto mais fiel à ação que foi capturada pela câmera fotográfica. É uma modalidade marcada por imagens expressivas e impactantes que cuidam do recado de forma autônoma e empoderada. Seu poder é ambientar a individualidade e, assim, exala poder justamente através dessa característica. Abarca fotoperformances que são pensadas de maneira total para o momento da captura, em que elementos como cenário, figurino, corpo e gestos não serão modificados posteriormente, independente da forma. Capturou, ficou e é isso.

Assim como afirma Vinhosa (2014), são apenas três exemplos de modalidades da fotoperformance que mais aparecem nos trabalhos desenvolvidos pelos artistas. Portanto, levando em consideração a capacidade imaginativa do ser humano e

as possibilidades de invenção e reinvenção da arte, torna-se impossível dizer que os três modos citados possuem capacidade de apreender todas as formas possíveis de se fazer uma fotoperformance. Além disso, as modalidades não possuem caráter excludente, ou seja, podem aparecer de maneira múltipla nas obras apreciadas pelos espectadores. Assim, a nível de exemplo, é possível observar algum trabalho de colagem que possui em sua composição alguma escrita, elemento da montagem.

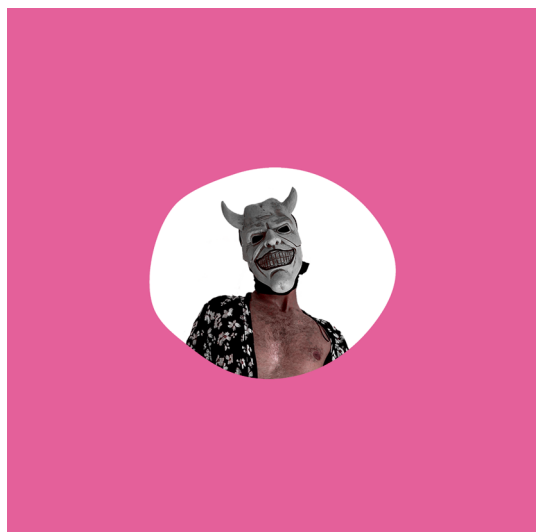


Figura 43: Yuri Martins. Cabeça. Fotoperformance. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Por fim, todos os três modelos possuem contribuições e potencialidades diversas para a obra que será produzida. Sendo assim, o que conduzirá a escolha de um determinado caminho pelo artista é a sua afinidade e disponibilidade para com os procedimentos construtivos, bem como o seu objetivo.

Seguindo para a finalização deste subcapítulo, falaremos agora sobre as “qualidades” presentes na fotoperforman-

ce. Aqui, coloco a palavra qualidade entre parênteses porque não encontrei outro verbete mais adequado e porque, mesmo assim, eu acredito que ela cumpre bem o propósito de evidenciar algumas características que podem ser apresentadas ao visualizarmos uma fotoperformance. Com qualidade, eu quero evidenciar particularidades do universo fotoperformático, dar mais detalhes e aproximar mais o leitor para o entendimento desse universo. Assim, eu utilizo o termo qualidade com o intuito de designar as propriedades da essência da fotoperformance e não atribuir qualquer juízo de valor ou excelência.

Essas qualidades foram pensadas a partir de um processo de análise e recuperação de percepções que eu tenho com as fotoperformances, em conjunto com os atravessamentos que foram acontecendo no decorrer das compreensões dos autores presentes nesta obra. De modo rápido, são propriedades que eu enxergo como fundadoras, geradoras e/ou pertencentes de alguma forma a essas produções artísticas. Portanto, elenco aqui apenas 5 qualidades que julgo como principais, sendo elas:

- **Hibridismo:** Sem dúvidas, uma das qualidades mais importantes para a existência da fotoperformance é o hibridismo. Por meio dele, foi possível a junção da fotografia com a performance, acarretando o surgimento da arte estudada ao longo deste trabalho. Além do hibridismo presente em sua origem, há também as possibilidades de hibridizações que podem acontecer ao

longo dos processos criativos. Assim, dando abertura aos procedimentos de colagem e montagem, além de também viabilizar investigações em figurinos e cenários que dialogam com a composição do corpo em cena.

- Expressividade: Outro ponto que é extremamente corriqueiro e presente nos trabalhos fotoperfomáticos é a presença da expressividade. Com o uso da palavra expressividade, aqui, faço alusão às ações que serão desempenhadas pelo corpo em cena, às interferências que surgem ao longo do trabalho, com a escolha de cenários, figurinos, luzes, enquadramento e, em alguns casos, edições e por fim, à abertura comunicativa que a fotoperformance tem de expressar ideias, universos e caminhos possíveis que serão captados pelo espectador.

- Desafio de convenções fotográficas: Neste caso, é possível mencionar a potência que essa forma de arte tem de desafiar as convenções tradicionais da fotografia, viabilizando a criação de imagens que vão além do registro estático, proporcionando experiências estéticas únicas.

- Reflexão política sobre o tempo e espaço: Falar sobre fotoperformance é falar sobre arte e, conseqüentemente, também é falar sobre pautas sociais, políticas e culturais. Assim, não é incomum visualizarmos provocações reflexivas e questionamentos que são propositalmente, ou não, conduzidos pela obra do artista fotoperformer.

- Autobiografia: Por fim, a qualidade autobiográfica presente nas fotoperformances

nos diz sobre a capacidade de inserirmos e visualizarmos determinada trajetória de vida nas criações. Nesse contexto, o corpo que protagoniza a fotoperformance pode ser o próprio artista ou outra pessoa que atue como representante do artista, incorporando elementos da performance para transmitir vivências, experiências e emoções de maneira criativa e poética.

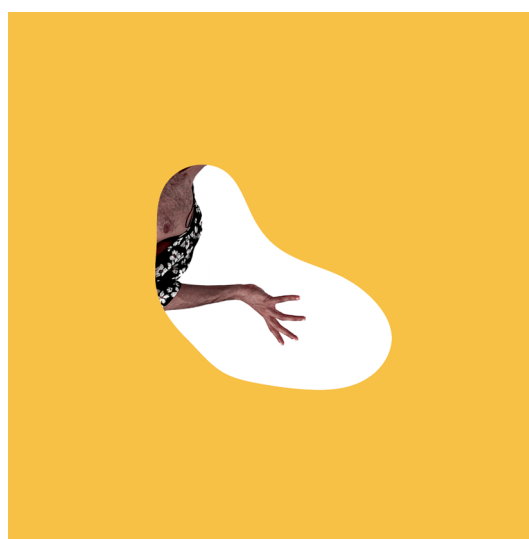


Figura 44:  
Yuri Martins. Mão.  
Fotoperformance.  
2023.  
Fonte:  
Arquivo pessoal.

As cinco qualidades descritas acima são características que vejo como as mais corriqueiras nas produções fotoperfomáticas. São elementos que, na maioria dos casos, você consegue apreender ao se deparar com uma fotoperformance. Dessa maneira, por serem elementos que não se excluem e que não são obrigatórios, é possível identificar “quantidades” e nuances diversas dessas qualidades dependendo da imagem que for observada, cabendo ao que foi produzido e a quem irá observar.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.

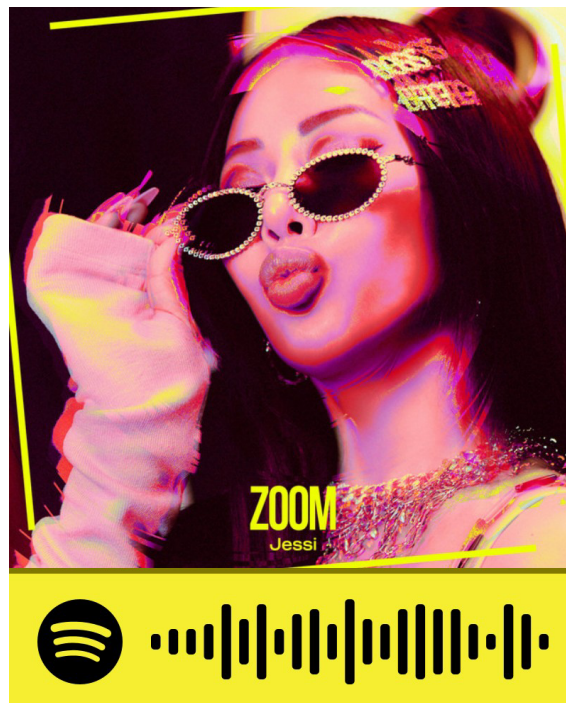


Figura 45: Spotify. Código Spotify - Zoom, Jessi. 2023. Fonte: Spotify.

atravessamentos da fotoperformance no meu corpo queer e grotesco.



Figura 46: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2019.  
Fonte: Arquivo pessoal.

De vez em quando, eu abro o meu perfil do Instagram e procuro por essa fotoperformance. Não sei dizer ao certo, mas ela me provoca um bocado de sensações. Se eu não me engano, foi a partir dela que eu comecei a utilizar elementos que simulam máscaras. Um balde como uma máscara, sério mesmo? Inclusive, há uns anos eu estava utilizando o Tinder e uma das fotos do meu perfil era justamente a Figura X. Assim, lembro que um rapaz aleatório, que eu tinha dado match, me mandou uma mensagem com a seguinte pergunta: “por que você colocou um balde na cabeça?”. Sendo sincero, eu não faço a menor ideia.

Não faço a menor ideia do porquê de eu sentir a necessidade de sempre cobrir a minha cabeça nas fotoperformances que produzo. Já sei, você ainda não tinha reparado nesse padrão até eu escrever aqui. Uma grande amiga uma vez me disse que todo artista possui uma pira com alguma coisa. Acredito que ela está certa. Ela, inclusive, possui pira com melancolia, família, palavras e a cor azul. Basicamente, a pira é uma obsessão com algo. Sei que eu tenho muitas piras, como máscaras, número três, objetos cotidianos, o meu próprio corpo e sentimentos mal resolvidos por machos duvidosos. Não é incomum eu olhar para

os meus processos criativos e me deparar com uma das minhas piras. Às vezes, penso que escondo o meu rosto por ainda ter questões com a minha existência. Sejam sinceros, é mais fácil incorporar uma persona do que encarar a dura realidade com um corpo cotidiano.

Muito tempo se passou, mas lembro que a sensação de estar imerso no vazio daquele balde era reconfortante. Sufocante, mas reconfortante. De alguma forma, o balde me envolvia e me protegia. Sinto que da mesma forma funciona com as diversas máscaras que utilizo em minhas produções, até mesmo aquelas que são anexadas de forma digital no Photoshop. Observo com mais atenção a Figura X e me pergunto o motivo de eu ter evidenciado a cor azul. Na verdade, creio que as motivações são meio óbvias. *To feel blue means to feel sad*. A maioria esmagadora das minhas fotoperformances são baseadas em tristeza, ou em qualquer outro sentimento marcado socialmente como “negativo”. Sempre foi mais fácil habitar e vivenciar a melancolia que existe em mim. As fotoperformances, inclusive, ganham força na minha vida durante a pandemia. Com muita tristeza e medo, tive que me reinventar. Por sorte, eu tinha material suficiente para trabalhar em cima. De certa forma, éramos só eu, as minhas mágoas, as minhas “estranhices”, a câmera do celular, 20 reais e um sonho. Nessa fotoperformance, eu sinto um cheiro de curiosidade. Curiosidade que eu carrego comigo desde o meu nascimento. Sou curioso comigo mesmo e causo curio-

sidade nas outras pessoas. O que há por debaixo do balde? Não sabemos. Como uma quimera, hibridizo o meu corpo com o objeto cotidiano destinado a carregar água. É como se fosse um Homem-Balde, tal qual o Homem-Aranha, a diferença é que não solto qualquer tipo de material pegajoso dos meus pulsos. Hibridizar é dar possibilidade para a criação de um novo corpo, um corpo mais forte. Talvez seja isso, talvez eu me hibridize porque preciso ser mais resistente em um mundo que nem sempre é adequado ao meu corpo.



Figura 47: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2022.  
Fonte: Arquivo pessoal.

*“Você apareceu, fez-me acreditar que ficaria, prometeu comportamentos dissidentes  
da própria realidade e roubou o meu coração.  
Disse-me que estava tudo sob controle e me manteve sob controle de uma paixão.  
Lembro que eu havia ouvido que os nossos papéis já estavam bem definidos, você era  
o cordeiro e eu, o lobo mau.  
No final, a situação foi subvertida e fui engolido por sua boca.  
Apenas disseram-me que eu não deveria me importar. Como? Nós dois sabemos,  
não era isso o que estava previamente destinado.”*

Esse pequeno texto acima acompanha a Figura X em uma publicação presente no meu perfil do Instagram. É meio óbvio, mas o conjunto diz respeito a um caso que tive com um cara. Um caso que me rendeu muita ansiedade. Novamente, é possível ver a melancolia invadindo os meus trabalhos. De certa forma, serve como uma válvula de escape, um desdobramento, um processar de sentimentos. O ato de falar sobre as próprias vivências e interpretações faz com que o enunciador processe o que viveu, desenrolando qualquer nó e buscando mais lucidez para o que está inserido no corpo. Vejo que trabalhar em cima de acontecimentos traumáticos da minha vida seja assim. Ou quase assim. É necessário colocar para fora. É necessário não implodir por tanto acúmulo.



Figura 48: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

*“aos poucos, aquele lírio é despetalado.  
bem me quer - mal me quer.  
como em uma profecia, o número par entrega o vindouro resultado.  
até que você me quer, mas não tão bem.  
por outro lado, poderia deixar claro o seu mal querer, mas aparenta estar tão confu-  
so que pouco seria capaz de comunicar uma única palavra com alguma lucidez;  
em meio a fracassadas tentativas, o cansaço assola o meu corpo.  
torna-o doente.  
no final, recebo menos do que calculo como necessário.  
confesso que sinto ansiedade por querer habitar este ambíguo jardim.  
sabemos. o porquê de tudo isso não são as pétalas ímpares e pares.  
é você.”*

Novamente, lá vem o Yuri sofrendo por mais um macho duvidoso. Não me leve a mal, em grande parte das minhas criações eu sou influenciado por algum rolo que não deu certo. É como se eu fosse uma Marina Sena das fotoperformances. Cada um é motivado por aquilo que te causa ansiedade. No meu caso, homens me causam ansiedade. Eles atravessam o meu corpo, penetram as minhas inseguranças e colaboram para que eu me torne estranho (da forma que eu não gosto ou considero como saudável). Fazer o quê, né? Entra no carro, vadia, vamos para a terapia.



Figura 49: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2020. Fonte: Arquivo pessoal.

*“Observando o meu rosto, você anunciou que eu não era algo mais que uma frustrante propaganda enganosa. Eu acreditei.”*



Figura 50: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2020. Fonte: Arquivo pessoal.

*“Naquele dia, você olhou fixamente para o meu pênis e, mesmo sabendo que aquela parte era a minha grande angústia, caçou sem hesitar.”*

Violências. Violências. Violências. Naquele dia, não lembro qual, eu tive momentos de intimidade com um ex e o resultado vocês já imaginam qual foi. Trabalhar em cima das minhas inseguranças sempre foi necessário, uma vez que eu tenho inúmeras, e acredito que a fotoperformance foi um ótimo caminho escolhido para tal feito. Por meio das produções fotoperformativas, eu consigo observar o meu corpo com uma lente mais cuidadosa e gentil. Consigo pensar que para além da realidade que eu vejo e da que me falam que é real, eu posso criar inúmeras outras ou, principalmente, ressignificar a que ficou marcada em minha cabeça.



Figura 51: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2020.  
Fonte: Arquivo pessoal.

*“Hoje choveu em meu coração.  
As gotas, advindas do céu, caíam em minha carne e se acumulavam em cada célula  
de meu corpo, causando infinitos alagamentos.  
Pensei que havia me acostumado com as pequenas tempestades deste planeta chama-  
do “Yuri”, mas reconheço que eu estava equivocado.  
O acúmulo de água foi tamanho que, neste momento, julgo-me como afogado.  
Afogado em memórias do passado, afogado em sentimentos negativos, afogado em  
uma realidade que sequer poderia existir.  
Sinto que apenas um barco seria capaz de me tirar dessa situação.”*

Felizmente, nem tudo é sobre macho. Às vezes, ou quase sempre, é sobre depressão. Na verdade, acredito que todo esse sofrimento em relação aos homens que passaram pela minha vida é originado ou intensificado por causa das disfunções psicológicas que carrego em meu corpo. Não é fácil ter depressão. Entretanto, vejo que consigo administrar bem na maior parte do tempo da minha vida. É um movimento difícil o de criar a partir da dor que sinto por existir, mas eu consigo, certo? Como diria a Ludmilla: “É que eu sou foda, hein? Sou má, sou má, sou má, sou má, sou má”. Eu não sou mau, não inteiramente, mas acredito que posso ser foda. Não só por ser uma pessoa que busca caminhos, mas também por ser afetado por esses mesmos lugares.

Saindo da depressão, doença patológica e amplamente mais complexa do que um sentimento isolado, viver a tristeza, ou viver pela tristeza não é de todo ruim, desde que você esteja saudável o suficiente para habitar esse sentimento com segurança. Tristeza não é um sentimento ruim, ele existe assim como todos os outros. Como disse anteriormente, ambientar a tristeza sempre foi mais fácil para mim, devido aos inúmeros processos que vivenciei desde criança. Por sorte, consigo transformar esse sentimento em estranheza e assim, ele é transformado em algo mais habitável. Ser estranho, para mim, sempre esteve muito relacionado aos sentimentos que são enumerados como “negativos”. Desde criança, reconheço-me como estranho, mas isso nem sempre foi algo bom. Era triste, de

forma patológica. Digamos que ter sido uma criança negra, nordestina, gay e afeminada, no contexto em que fui inserido, não foi uma das melhores coisas que já tive a oportunidade de presenciar. Muita violência foi marcada em meu corpo e a partir dela, eu fui me construindo. Ainda tenho muito o que processar, mas até lá eu vou me virando e transformando as minhas experiências em mais estranheza, a fim de um dia conseguir em plenitude observar com outros olhos quem eu sou.



Figura 52: Yuri Martins. +mercadoria estragada+. Fotoperformance. 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

Outras vezes, eu só quero ser estranho mesmo. Sem tristeza, só estranho. É sobre ter um saco de laranjas, um tecido preto, um smartphone, um editor de fotos e um sonho. Qual é o meu sonho? Eu não sei. Você me dirá, você é mais rápido do que eu. Brincadeira, eu definitivamente não sei. Eu só gosto de ser estranho. Habitar a estranheza e ter a acolhido fez com que eu me encontrasse e me tornasse um tiquinho mais feliz. Ter virado essa chave possibilitou não me frustrar tanto com o meu corpo que, vira e mexe, é visto como torto e disforme. É sobre se assumir como um ser grotesco: imperfeito, bizarro, excêntrico,

ridículo, cômico, desarmônico e repulsivo. Digo, não sou unicamente grotesco. Nem em sonhos eu conseguiria tal conquista. Nós, seres humanos, somos feitos de inúmeras partes que compõem uma unidade. E essa unidade, em sua forma total, nunca será vista, pois cada um de nós possui apenas uma lente (mesmo que moldável ao decorrer do tempo). É sobre abraçar o “inabraçável” e ser menos infeliz com a vida. Complicado, né?

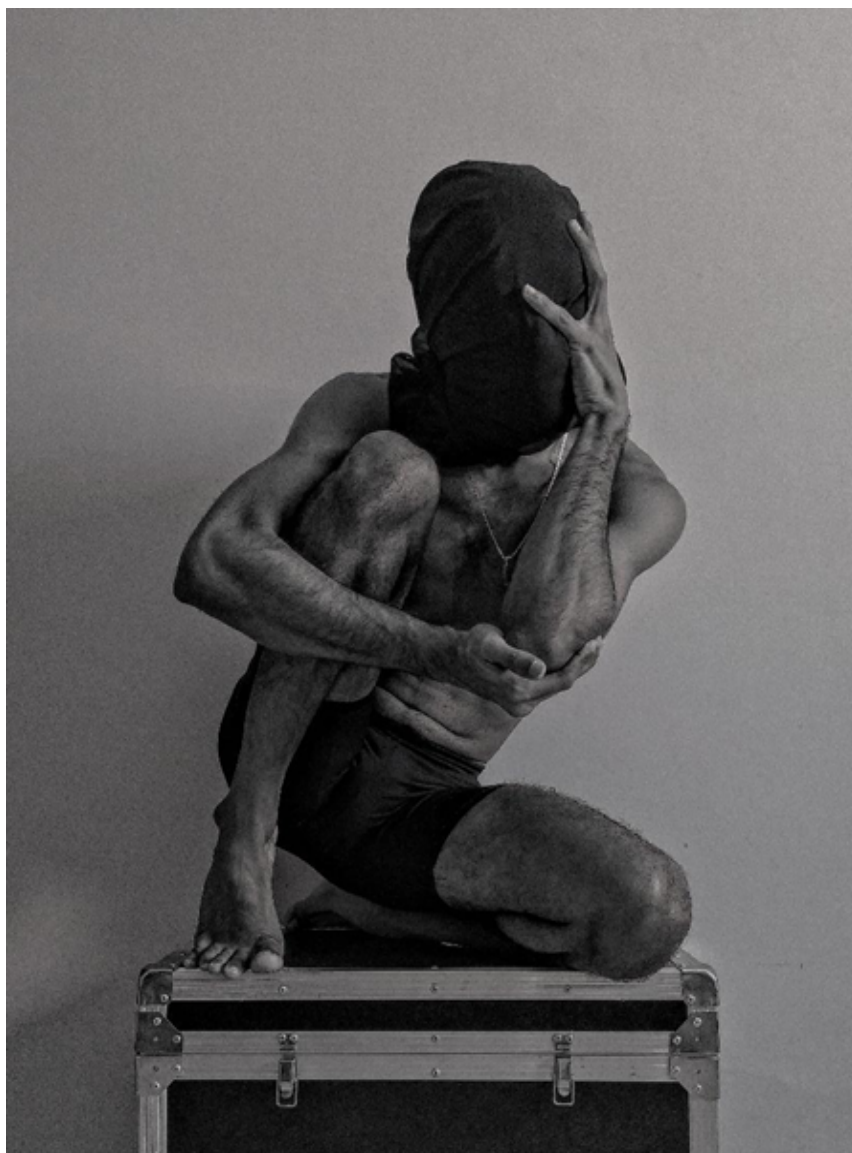


Figura 53: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2020.  
Fonte: Arquivo pessoal.

*“Eu sou o grotesco.  
Constantemente, atingido por risadas.  
Eu sou o grotesco.  
Infinitamente, penetrado pela tragédia.  
Eu sou o grotesco.  
Miseravelmente, largado na parte mais baixa.”*

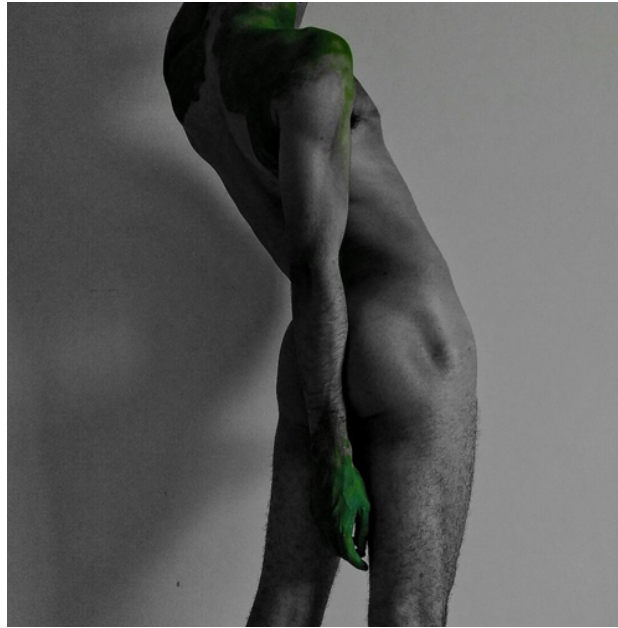


Figura 54: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2021.  
Fonte: Arquivo pessoal.

*“São inúmeras as tentativas de fazer dar certo.  
São inúmeras as frustrações com a falta de controle do universo, não, eu não sou capaz de criar uma própria  
realidade.  
Assim, eu permaneço no limbo da desilusão.  
Este plano não me pertence.  
Estas pessoas não são como eu.  
Esta vida não é a minha.”*

Em algumas ocasiões, consigo aliar a estranheza com o pouco de sensualidade que habita em meu corpo (ou uma tentativa de). Sendo sincero, demorou um bocado para eu estar satisfeito com o meu corpo e digamos que ainda falta uma pilha de movimentos para que isso de fato seja reconhecido como tal. Conviver em sociedade e, principalmente, com a bolha LGBTQIAPN+ faz com que a pressão estética seja surreal. É cobrado ser branco, musculoso, dotado, barbado, alto, sem falar das condições socioeconômicas. Por meio das fotoperfor-

mances, tive a oportunidade de colaborar com a aceitação do meu corpo de forma mais satisfatória e, inclusive, expô-lo de maneira segura. Okay, eu sou um artista e trabalho com o meu corpo, no entanto não é fácil se expor. Viabilizar caminhos para que isso ocorra é uma das possíveis opções para se aceitar e ser aceito. É através desses feitos que eu consegui ver a sensualidade que é exalada pelos meus poros. Bom, agora é só abrir um OnlyFans e largar a CLT. Sonhou, nega.

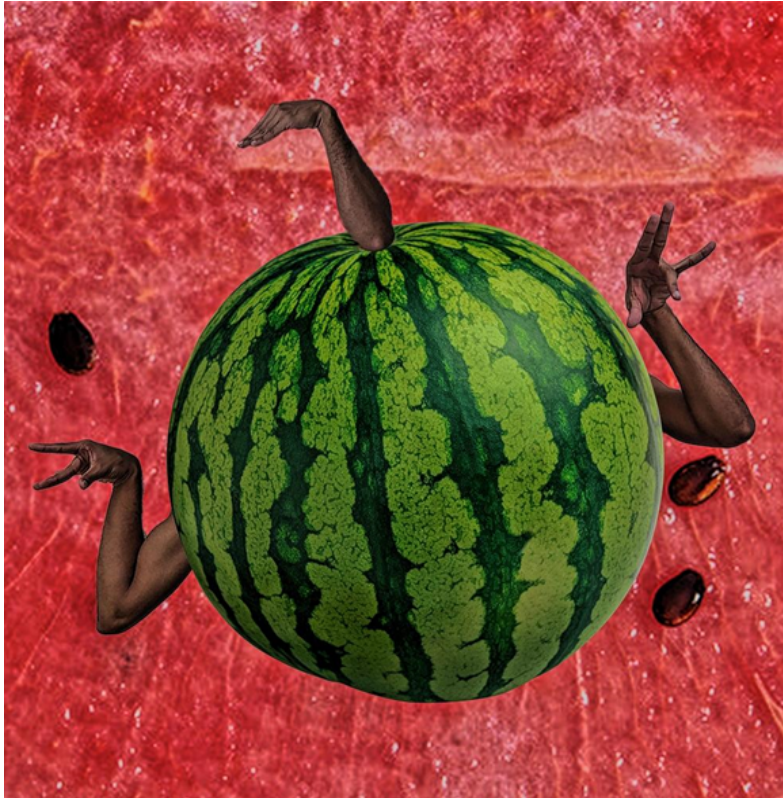


Figura 55: Yuri Martins. Duro por fora, mole por dentro. Fotoperformance. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

Indo para outro caminho totalmente distante, ou talvez não tão distante assim, há as hibridizações que me identifico e procuro trazer para as minhas fotoperformances. Se você acompanhou direitinho a minha pesquisa e esteve bem atento às palavras que escrevi, essas hibridizações estão bem inseridas nas propostas grotescas nas quais eu me seguro. No fundo, acredito que quase todas as fotoperformances que estão inseridas aqui dialogam com o universo grotesco. Caso tenha algumas que não dialogam, elas são minorias. Algumas vezes, esse aspecto estético aparece de forma mais escancarada e outras vezes, de maneira mais superficial. Pode ser uma transmutação completa de corpo ou um braço mais tortinho que o comum. Ambos os

cenários são válidos. Não sei, acho engraçadinho. Para além das potencialidades de ressignificação e exploração da criação de um corpo, eu acho engraçado, sim. Quase sempre quando eu olho para a Figura X, eu solto um sorriso de canto. Uma melancia com braços de um ser humano e um talo feito de braço também. Onde já se viu? É o fim dos tempos, bem que o povo da igreja dizia.



Figura 56: Yuri Martins. Sem título. Fotoperformance. 2018.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Por fim, porque eu já estou cansado de escrever esse TCC, deixo aqui registrado a minha primeira fotoperformance (ou intenção, cheiro, suspiro de uma futura fotoperformance). Lembro que no dia dessa produção fotoperformática, eu estava completamente entediado e precisava fazer algo para me entreter. Então, fui à cozinha da minha casa, olhei para a laranja que estava na fruteira e me fiz a seguinte pergunta: “Por que não?”. Dito e feito. Não deu outra. Acabei indo para o quintal da minha casa, recolhi algumas folhas do pé de ata, preguei-as na parede, posicionei a câmera do celular, parti ao meio a laranja escolhida e boom. Estava pronta a imagem que me possibilitou estar aqui. Não é algo muito

elaborado, mas é de coração. Aquelas.

Quem poderia imaginar que a partir de um exercício de dribble de tédio, eu me lançaria à realidade na qual eu estou. De início, eram apenas fotos com a intenção de biscoitar no Instagram. Quer dizer, até hoje as minhas outras produções também servem para isso, mas não só para isso. Afinal, uma coisa não anula a outra, certo? Enfim, tudo isso foi crescendo e cá eu estou. A partir das minhas vontades e curiosidades, consegui construir ótimos caminhos no universo da fotoperformance. Eu aprendi a utilizar com mais eficiência programas de edição. Eu aprofundei os meus conhecimentos teórico-práticos a respeito da fotografia e do universo das artes cênicas. E eu

encontrei um ambiente para mergulhar nas minhas tristezas, grotesquices, estranhezas e dissidências.

Na minha performance capturada pela fotografia e na performance que eu construo em cima das minhas fotografias, eu sou um deus. Um deus onipresente, onipotente e onisciente e que em contato com quem o percebe, constrói a sua própria existência. Eu precisei investigar os objetos cotidianos que me cercam na correria das minhas existências. Eu precisei ressignificar todos aqueles objetos que, de alguma forma, causavam-me curiosidade e afeição. Eu precisei mobilizar o meu corpo e abrir espaço para as diversas possibilidades de hibridizações que eu me propus e me proponho a conceber. Os objetos cotidianos acompanham o meu corpo nas fotoperformances porque, da mesma forma, eles me acompanham na minha existência. Trazer eles para a cena é revelar quem eu sou, quem eu estou e quem estabelece as relações com um espaço-tempo específico, subjetivo, mas universal e convergente com outras realidades. A laranja que na cena toma o lugar do meu olho é a laranja que a minha mãe comprou e eu tive o prazer de utilizá-la em minha alimentação. Mas também, é a laranja que as outras pessoas conhecem e se deliciam cotidianamente. De certa forma, estamos conectados pela mesma laranja, pela mesma acidez e pelo mesmo nome que simboliza a existência de uma fruta. Fico contente pensando que ao trazer o meu corpo para a cena, eu também carrego àqueles que são semelhantes

a mim. Não digo isso apenas pelos objetos, mas, principalmente, por causa do meu corpo e das minhas histórias. No final de tudo, não sou só eu e eu não estou sozinho. Pensar em tudo isso faz com que eu tenha uma leve dor de cabeça. Quase sempre eu me sinto sozinho, estranho e desconexo. Vira e mexe, eu brinco dizendo que é por causa do meu sol em aquário. Graças ao meu signo, eu consigo a abertura necessária para me justificar com o seguinte fato: eu sou um extraterrestre. Não indo muito longe, assim como a FKA Twigs, eu sou um alienígena caído. Um alienígena que veio de outro mundo, mas que caiu aqui na Terra. E diante disso, eu tive que me adaptar, mesmo com todos os estranhamentos presentes. Assim, eu venho de uma outra realidade, mas ao chegar aqui, percebo que todos também vêm de alguma outra. Por sorte, algumas são parecidas. Por sorte, algumas são destoantes. Então, por meio das minhas fotoperformances, eu consigo acessar as realidades que me rodeiam, seja pela convergência ou pela divergência. Os pensamentos vão sendo elaborados e já não é mais uma caminhada solitária. Já não é mais uma existência sozinha. São conjuntos de caminhadas e conjuntos de existências, mesmo que individuais.

Escaneie o seguinte código na plataforma de músicas Spotify e tenha uma deliciosa experiência.

Passo 1: Abra o aplicativo “Spotify”.

Passo 2: Entre na seção “Buscar”.

Passo 3: No canto superior direito, selecione o ícone de câmera.

Passo 4: Escaneie o código abaixo.

Passo 5: Aprecie a música.

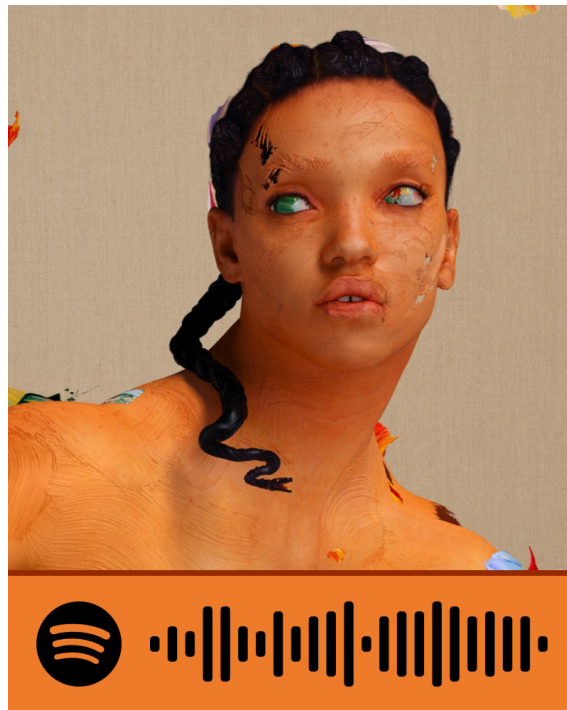


Figura 57: Spotify. Código Spotify - Fallen Alien, FKA twigs. 2023. Fonte: Spotify.

## DESCONSIDERO QUALQUER FINAL

Bom, vamos lá. Graças às divindades esse TCC chegou ao fim. Eu não aguentava mais. Quer dizer, ainda tem as referências a serem apresentadas (se a ordem de leitura foi seguida de cima para baixo), mas você me entendeu. Inclusive, é complexo digerir o fato de que eu estou escrevendo uma sessão que comumente é denominada como “considerações finais” ou “conclusão”. Digo, é complexo porque eu sou inimigo do fim. Eu odeio ter que finalizar alguma coisa. Finalizar algo é compreender e aceitar, mesmo que minimamente, o que aconteceu e o que surgirá daqui em diante. Fazer esse movimento requer energia, maturidade e responsabilidade. Um rolezão.

Eu agradeço por ter finalizado esse ciclo, porque eu já não possuía mais energias, mas eu também confesso que acabei me apegando à pesquisa que desenvolvo aqui. Fazer o quê, né? Eu sou emocionado. Foram incontáveis os dias em que eu estive imerso nas páginas que compõem essa conjuntura final. A minha orientadora, inclusive, comentou comigo que esse é o momento de me desapegar do meu texto, da minha pesquisa e deixar ela ir, ir para o mundo. Não é fácil, há apego na jogada. Sei que a minha pesquisa ainda pode ganhar mais cor, uma nova lace, trocar de roupa e, até mesmo, um novo RG, mas eu preciso encerrar um ciclo e isso me afeta. O trabalho que eu escrevo aqui não termina aqui, mas ele precisa de um término aqui, compreende? Essa é a questão.

Recordo-me de como foi o começo dessa escrita, os meus anseios, as minhas ansiedades e todas as outras sensações que permearam o meu corpo. De início, propus a me desdobrar em mil homens com o intuito de produzir o que eu almejava. No entanto, ao longo dos meses, fui sentindo que eu sou apenas um ser humano. Um único Yuri. Isso não é pouco, de forma alguma. Mas eu sou um ser limitado, por diversos motivos.

Quando construí a introdução pela primeira vez, almejei explorar com profundidade as fotoperformances, convidar pessoas, ler mais autores, plantar bananeira, sair desfilando pela Avenida Goiás com um balde azul na cabeça (isso aqui é só um gracejo, tá? eu não desejei isso, mas até que é uma boa ideia), mas o que aconteceu foi o que deu. E é sobre isso, sabe? É sobre trabalhar com o que o corpo é capaz de fazer de maneira saudável. Isso pode até soar de maneira cômica, visto que inúmeras vezes eu atrolei a minha saúde para chegar até aqui, mas eu quero passar uma mensagem bacana para as pessoas que estão me lendo. Tá no meu DNA ser mais cuidadoso e carinhoso com os outros do que comigo mesmo (mentira, foi coisa da minha criação e a sociedade me deixou bitolado desse jeito).

Apesar de não ter seguido os passos que julguei como necessários lá no início da minha jornada, eu estou feliz. Eu estou feliz porque compartilhar esse aglomerado de palavras, imagens e vivências é,

mais uma vez, ter a oportunidade de lembrar que eu estou vivo, vivendo da forma que eu acredito ser a melhor. Eu sempre gostei muito de escrever. Eu sempre gostei muito de aparecer. Não é à toa que me fiz artista-pesquisador e cá estou eu. Não é só sobre egocentrismo, é também sobre se armar de possibilidades para conseguir existir.

A escrita desta pesquisa foi um processo árduo, trabalhoso e carinhoso. Nunca senti tanto, nunca senti tanta coisa. Aliás, além de sentir, eu aprendi. Eu aprendi sobre processos de pesquisa, de escrita e de carinho comigo mesmo. Eu não poderia imaginar que aprender sobre tudo isso e mais um pouco teria um efeito tão arrebatador em minha vida. Conhecimento é poder. Eu gosto bastante dessa frase, mas não gosto de pensar sobre as mãos que controlam e monopolizam o poder, inviabilizando existências e permanências de corpos que, estrategicamente, são deixados à margem. Mas também há outros questionamentos: há apenas um tipo de conhecimento? Quem determina qual é “O” conhecimento? Enfim, inúmeras perguntas. Voltando ao que eu estava falando, ter estudado sobre temas que cativam o meu coração me proporcionou um forte amadurecimento. Amadurecimento como pessoa-pesquisador-artista. Tudo juntinho mesmo, sem qualquer dissociação.

Eu garanto que tentei ao máximo trazer de forma acessível, compartilhada e calorosa o conhecimento adquirido por mim ao longo das minhas pesquisas. Tenha certeza de que cada fragmento de conhecimento construído até aqui, passou por uma cura-

doria e aqui está o resultado. Penso que, em alguns momentos, eu acabo por me distanciar de um modo de escrita, o que acarreta na possibilidade de observar o outro lado de alguma moeda. Talvez isso seja incômodo para alguns. Caso tenha sido incômodo para você, acontece, é a vida. A vida é sobre isso, altos e baixos. Na verdade, há uma infinidade de níveis de altitude e alto/baixo são só duas delas. Nós somos seres múltiplos e carregamos conosco inúmeras personalidades. Mas não a nível patológico, não me entenda dessa forma. Se você for muito fragmentado, eu recomendo ajuda médica. Enfim, em alguns momentos, a minha escrita toma rumos diferentes, mas talvez isso seja algo bom. Talvez esse acontecimento dê margem para que você me conheça, para que você consiga compreender como eu me relaciono com os temas que me propus a pesquisar.

Por fim, ainda há muito o que aprender e compartilhar. Eu fico extremamente feliz com tudo que produzi, seja de escrita ou de fotoperformances. De coração, eu espero que a minha pesquisa seja útil para pelo menos uma pessoa nesse grande universo (além de mim, claro). No entanto, eu confesso que anseio por mais. Eu quero mais. Eu quero estudar e partilhar mais sobre estética, grotesco, teoria queer, performance, fotoperformance e qualquer outro assunto que me desperte interesse e tenha compatibilidade com os universos aqui citados. Tenho ciência de que será um caminho difícil, mas qual caminho não é?

É isso. Um beijo. Dois cheiros. Três abraços.

## REFERÊNCIAS

ALTMAYER, G. **APONTAMENTOS PARA UMA CARTOGRAFIA: O cuir/queer como território em expansão.** seLecT, 2018. Disponível em: <https://select.art.br/apontamentos-para-uma-cartografia/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

**ANART Made of Trust, Vulnerability and Connection | Marina Abramović | TED Talks.** [S.I.]: Ted Conference, 2015. (15 min.), color. Legendado. Disponível em: [https://youtu.be/M4so\\_Z9a\\_u0](https://youtu.be/M4so_Z9a_u0). Acesso em: 31 jul. 2023.

BRETAS, A. **Queer.** Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, Campinas, v. 7, n. 2, p. 1-15, 2021.

CAVALCANTI, M; FERREIRA, S. **PEDAGOGIA QUEER: UMA NOVA PROPOSTA NO MEIO EDUCACIONAL.** Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 12 – p. 21, set. de 2017.

COHEN, R. **PERFORMANCE COMO LINGUAGEM: CRIAÇÃO DE UM TEMPO-ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

DUARTE, R (org.). **O BELO AUTÔNOMO: Textos clássicos de estética.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEMOS, J. **CORPO, IMAGEM E PERFORMATIVIDADE NA FOTOGRAFIA: Um Estudo Sobre a Linguagem da Fotoperformance.** Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Universidade Federal de São João Del-Rei. São João Del-Rei, p. 108. 2019. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgac/PDF%20Dissertacao.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2023.

LOURO, G. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOURO, G. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MEDEIROS, G. **Ponto de Tensão:** A máscara como agente na fotoperformance. Monografia (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 81. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189455/001085706.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 jul. 2023.

MELLO, J. **Revisitando o grotesco:** o indefinível como transgressão na arte. Todas As Artes Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 57-70, 2020. Universidade do Porto, Faculdade de Letras. <http://dx.doi.org/10.21747/21843805/tav3n2a4>.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NEVES, D. **PERFORMANCE E REGISTRO:** A PRODUÇÃO PERFORMÁTICA DE CLAUDIA PAIM. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 144. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/5223/NEVES%2c%20DANIELE%20QUIROGA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PINTO, F; DARWICH, R. **A ARTE E A ESTÉTICA:** PERCURSOS E REFLEXÕES. Salvador, 2022.

REICHER, M. **Introdução à estética filosófica.** São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SODRÉ, M; PAIVA, R. **O Império do Grotesco.** 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2014.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer:** seguido de Ágape e êxtase – orientações pós-seculares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SUASSUNA, A. **INICIAÇÃO À ESTÉTICA.** 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

VINHOSA, L. **Fotoperformance - passos titubeantes de uma linguagem em emancipação.** In: Anais do 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos”, Belo Horizonte: 2014. (p. 2876 – p. 2885).